

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LARISSA YOWLIN LIU

**REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO EM ARQUIVOS AUDIOVISUAIS
TELEJORNALÍSTICOS: ESTUDO PILOTO NA UFPR TV, CURITIBA, PR**

CURITIBA

2018

LARISSA YOWLIN LIU

**REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO EM ARQUIVOS AUDIOVISUAIS
TELEJORNALÍSTICOS: ESTUDO PILOTO NA UFPR TV, CURITIBA, PR**

Monografia apresentada à disciplina SIN 204 Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso de Gestão da Informação, do Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Sônia M. Breda.

CURITIBA

2018

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me guiado nessa jornada e me mostrado a importância de acreditar em Suas decisões e vontades e de me ensinar a deixar qualquer preocupação em Suas mãos.

Agradeço imensamente à minha orientadora, professora Sônia Maria Breda, por me acolher como sua orientanda, ter aceitado o tema que propus estudar e por tirar-me dos momentos de angústia e aflição, auxiliando no que foi possível.

À minha colega veterana Silmara Azevedo e à professora Viviane Helena Kuntz, por me ajudarem a decidir o tema deste trabalho, mostrando o valor das minhas intenções, assessorando nas primeiras ideias, cuidando das primeiras preocupações e sentimentos iniciais a este estudo.

Aos meus pais e irmão pelos conselhos, apoios e amparos em momentos de superação.

Aos meus amigos, que nas singelas companhias e conversas, me distraíam e tranquilizavam.

A todos os colegas, que de alguma maneira (boa ou ruim), ajudaram no meu crescimento pessoal e acadêmico.

E não menos importante, à emissora UFPR TV que, apesar das dificuldades que estava passando, em todos os momentos que entrei em contato ou fui presencialmente à instituição, me recebeu muito bem e de braços abertos. Agradeço ao professor Carlos Alberto Martins da Rocha e ao Cinegrafista e também Assistente em Administração José Appolinário, por me concederem um pouco de seus tempos para contribuírem com este estudo.

RESUMO

Estuda a representação da informação em arquivos audiovisuais telejornalísticos, ambientado na emissora UFPR TV, Curitiba, PR. Objetiva elaborar e propor um modelo de representação da informação de arquivos audiovisuais telejornalísticos, de modo a contribuir na recuperação desses registros em Centros de Documentação de emissoras de televisão. De caráter exploratório, parte da revisão da literatura voltada a propostas de análise e sistematização dos conteúdos midiáticos e de indexação de conteúdos e suas recuperações. A fim de compreender a realidade da emissora UFPR TV e coletar dados do campo, aplica entrevista semi-estruturada e questionário junto a profissionais da instituição. Dessa maneira, identifica e caracteriza os arquivos e as mídias audiovisuais jornalísticas que compõem esse acervo, assim como a demanda por essas informações, a utilização de sistemas instalados e os termos e/ou campos utilizados para a recuperação da informação. Com esses dados e a análise de vídeos telejornalísticos, elabora a estrutura e os campos do modelo de representação da informação. Os elementos reunidos prestam-se a nortear a busca e recuperação de mídias audiovisuais de maneira mais eficiente nos momentos de resgate pelos jornalistas, os clientes dos Centros de Documentação das emissoras, além de organizar a memória da instituição. Reforça necessidade de elaboração de vocabulários controlados que levem em conta os desafios da diversidade da informação no trabalho jornalístico.

Palavras-chave: Informação telejornalística. Arquivos audiovisuais telejornalísticos. Representação da informação. Emissora UFPR TV.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
1.1	PROBLEMA DE PESQUISA	9
1.2	OBJETIVOS	9
1.2.1	Objetivo geral	9
1.2.2	Objetivos específicos	10
1.3	JUSTIFICATIVA	10
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2.1	MÍDIAS AUDIOVISUAIS	12
2.2	MÍDIAS AUDIOVISUAIS JORNALÍSTICAS	13
2.2.1	Processo de edição de reportagens	14
2.2.2	O script	15
2.3	SISTEMAS DE RECUPERAÇÃO DA INFORMAÇÃO	18
2.3.1	Linguagem documentária	19
2.3.2	Análise documentária	21
2.3.3	Tesauros	22
2.4	REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO	24
2.4.1	Representação descritiva	26
2.4.2	Representação temática	26
2.5	A ANÁLISE DO CONTEÚDO AUDIOVISUAL	27
2.6	MANUAL DE CATALOGAÇÃO DE FILMES DA BIBLIOTECA DA ECA	29
3	ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO	33
4	O DIAGNÓSTICO	36
5	CONSTRUÇÃO DA REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO	39
6	APLICAÇÃO DO MODELO DE REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO	45
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
	REFERÊNCIAS	55
	APÊNDICE 1 – ROTEIRO DAS PERGUNTAS DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA E QUESTIONÁRIO	59

1 INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, o homem vem registrando a sua história, que passa da forma oral para a forma escrita e, mais tarde, para o registro em imagens paradas, os registros sonoros, chegando aos registros em imagens em movimento, capturando os fatos de maneira mais parecida com a realidade (FIGUEIRA, 1994).

Com a captura e a difusão de imagens em movimento, o mundo da informação torna-se o mundo do jornalismo, transmitindo informações atualizadas a todo o momento. Essa explosão de informação fez com que as tecnologias utilizadas para suportar os conteúdos em imagens em movimento assumissem variados formatos e padrões de vídeos, devido à busca constante pelo aperfeiçoamento das tecnologias utilizadas, desenvolvendo diversas possibilidades de processamento (FIGUEIRA, 1994). Os suportes aos vídeos passaram de fitas magnéticas a discos rígidos, transferindo-se para tecnologias ópticas magnéticas (CD's e DVD's) até o surgimento dos arquivos eletrônicos (BODÊ, 2007).

Para as emissoras de televisão, a diversidade destes recursos tornou o arquivamento e a recuperação da informação uma complicação. A premência em buscar soluções imediatas para as demandas demarcadas por rapidez, prontidão e pertinência na recuperação da informação, faz com que Centros de Documentação de emissoras de televisão tenham dificuldades em atender as necessidades de informação de jornalistas, estudantes, historiadores, professores, e outros profissionais, de forma eficiente.

Além da urgência de sempre possuírem equipamentos mais modernos, que tornaram os arquivos de seus acervos diversos e em tecnologias variadas (FIGUEIRA, 1994), a maneira como as emissoras aproveitam as mídias também contribuem para essa tal dificuldade. A reutilização contínua e intensa de imagens, recorrente nessas instituições, e a gama de programas e conteúdos que possuem, criou e desenvolveu um acervo complexo (MOREIRO GONZÁLEZ; ARILLO, 2003).

No Brasil, a partir da revisão da história da televisão brasileira, é possível comprovar essas ocorrências. Devido à influência da rádio, as emissoras brasileiras seguiam o mesmo formato de suas programações, com os mesmos técnicos e artistas. Atuando de forma independente, a todo o momento com problemas de equipamentos e de programação, empenhando-se para não errar em apresentações ao vivo (BARACHO, 2007).

De acordo com Temer (2012), nos primeiros telejornais brasileiros, o apresentador utilizava textos copiados das rádios ou de recortes de jornais impressos para mostrar os últimos acontecimentos locais, que eram exibidos em preto e branco e sem som. Muitos dos materiais que apresentavam nesses telejornais eram imagens excedentes do cinema e de documentários. Poucas filmagens eram especialmente realizadas para o telejornal. Os arquivos tornaram-se arquivos informais, que eram utilizados diversas vezes para representar uma determinada notícia que ocorria em diversas reportagens. “[...] Era comum utilizar as cenas de uma enchente antiga para ilustrar a enchente atual, e assim por diante” (TEMER, 2012, p. 11).

Com o crescimento rápido das emissoras brasileiras, devido a sua grande influência e aceitação sobre o público brasileiro, provando ser o meio mais rápido de comunicação e de poder sobre a informação, as emissoras e o próprio telejornalismo brasileiro, tiveram que se adequar as frenéticas mudanças e as novas tecnologias. Dessa forma, essas instituições tiveram que desenvolver seus próprios Centros de Documentação. De acordo com Brasil e Frazão (2012), no panorama brasileiro, não há um único repositório em que os arquivos audiovisuais das emissoras de televisão aberta nacional armazenam seus documentos. Cada emissora dispõe de departamentos intitulados Centro de Documentação Histórica (CEDOC) em que catalogam e arquivam suas produções. Os autores ainda alegam não ser fácil o acesso a essas mídias, pois ocorre muita burocracia e tramitações para que a direção aprove ou não o acesso aos registros. Há casos de algumas emissoras nem possuírem os programas ou os scripts arquivados (BRASIL; FRAZÃO, 2012), aparentando ser ambientes complicados e complexos.

Esse pequeno histórico expõe e indica que os arquivos da televisão brasileira não possuem uma estrutura básica de arquivamento. Não foram pensados e elaborados para futuras recuperações da informação de mídias audiovisuais. Não há padronizações e normas que as descrevem, prejudicando os usuários desses arquivos.

A televisão brasileira conta com diversos tipos de programas, como programas de auditórios, filmes, telenovelas e o telejornal. Desses, o telejornal é o considerado de maior influência, pois é o porta voz dos acontecimentos locais, do país e do mundo, contando com os principais acontecimentos que sucedem a cada dia.

Nesse contexto, este estudo tem como principal foco contribuir com os Centros de Documentação de emissoras de televisão, especialmente de caráter telejornalístico, na recuperação da informação dos registros audiovisuais.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

As mídias audiovisuais jornalísticas são gravadas e arquivadas tanto para o uso futuro, assim como para a memória das instituições. Muitos desses registros são reproduzidos diversas vezes pelos jornalistas na montagem de suas matérias, como uma continuação que se sucedeu em determinados casos apresentados e também como forma de recuperar as informações históricas por professores, estudantes de jornalismo e historiadores.

As emissoras de televisão reúnem diversos arquivos em mídias físicas que necessitam de ferramentas já consideradas obsoletas para a sua recuperação, além de não contarem com nenhum tipo de padronização ou normas adotadas para a identificação e classificação desses registros. Esse problema traz dificuldade nos momentos de busca e recuperação da informação, além de se tornar um procedimento muito longo e cansativo.

Esta pesquisa, de natureza exploratória, busca encontrar a resposta para a seguinte questão: **como representar a informação de arquivos audiovisuais telejornalísticos de modo a auxiliar jornalistas, estudantes, historiadores, professores, e outros profissionais na recuperação dessas informações?**

1.2 OBJETIVOS

Os objetivos que norteiam esta pesquisa são os seguintes.

1.2.1 Objetivo geral

O objetivo geral é elaborar e propor um modelo de representação da informação de arquivos audiovisuais telejornalísticos, de modo a contribuir na recuperação desses registros em Centros de Documentação de emissoras de televisão.

1.2.2 Objetivos específicos

Os objetivos específicos deste estudo são:

- a) identificar os traços distintivos e elementos característicos das mídias audiovisuais telejornalísticas, que são armazenadas no Centro de Documentação, da emissora de televisão;
- b) identificar, com base na literatura pertinente, os diversos aspectos e recursos da representação de conteúdos informacionais, com foco nas mídias audiovisuais;
- c) definir os elementos e a forma da representação da informação das mídias audiovisuais telejornalísticas.

1.3 JUSTIFICATIVA

Após uma busca exaustiva pelo tema na literatura, não foram obtidos resultados satisfatórios quanto aos objetivos propostos por este trabalho. Muito se encontra sobre o crescente volume de informação que é gerado pelos usuários na Era da Informação e a importância da representação e recuperação de dados e informação. Também é possível se deparar com estudos sobre a necessidade de desenvolvimento de recursos informacionais que tornem as buscas mais fáceis, acessíveis e precisas aos usuários.

São retomados estudos que trazem alternativas para recuperar informações textuais, como dados e termos, em bases de dados e periódicos, a partir de ferramentas e *softwares* de análise, mas são escassos estudos quanto à recuperação de conteúdos relacionados à iconografia, às imagens em movimentos ou conteúdos sonoros. Pode-se encontrar diversos instrumentos documentários que propõem parâmetros e normas para representar de maneira descritiva as informações de arquivos e documentos, resgatando os termos da informação pesquisada, mas não o conteúdo representado nas mídias audiovisuais.

Devido a essa necessidade, este estudo busca trazer soluções para a descrição do conteúdo das mídias audiovisuais jornalísticas, contribuindo igualmente para a produção na área de organização e representação da informação, cujas lacunas em relação as mídias audiovisual telejornalística a revisão de literatura detectou, garantindo a sua representação adequada para essa área da

comunicação. Como resultado, auxiliará na busca mais eficiente e precisa dos conteúdos que os usuários necessitam.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para trazer base e dar sequência a esse estudo, esta fundamentação teórica está contextualizada com os conceitos de mídias audiovisuais e mídias audiovisuais jornalísticas, expondo o processo de edição de reportagens e o roteiro textual utilizado pelo jornalismo, o script. Segue-se a definição de sistemas de recuperação da informação, evidenciando a linguagem documentária, a análise documentária e o instrumento informacional, tesauro. Na sequência, o que é representação da informação e as suas duas subdivisões, representação descritiva e representação temática. Por fim, com o auxílio do livro “O conteúdo da imagem”, de Moreiro González e Arillo (2003), a análise do conteúdo de mídias audiovisuais é relatada, e o Manual de Categorização de filmes da Biblioteca da ECA, um estudo que traz a aplicação da recuperação da informação em mídias audiovisuais, apresentada como exemplo da representação da informação.

2.1 MÍDIAS AUDIOVISUAIS

Antes de conceituar mídias audiovisuais, faz-se necessário entender o que é a linguagem audiovisual. De acordo com Coutinho (2006), o termo audiovisual é a junção de dois elementos de duas naturezas: os sonoros e os visuais. Logo, são caracterizados por uma mistura de imagens, cores, sons e palavras, que, junto com as ideias e pensamentos, são captados por câmeras. Para guardar a sua forma, as mídias tornam-se o suporte que incorporam essas informações audiovisuais, são os suportes que incluem a linguagem audiovisual em sua forma. Como exemplos, há filmes de todos os gêneros, programas de televisão e documentários.

De acordo com Champagnatte (2010), historicamente, a primeira projeção de imagens em movimento ocorreu na França, em 1895 pelos irmãos Lumière, nascendo assim, o cinema. Essas primeiras produções retratavam apenas imagens do cotidiano, como trabalhadores saindo de fábricas e de trens chegando nas estações. Não havia a necessidade de se preocupar em contar alguma história. Era apenas para assistir à imagens em movimentos.

Conforme o mesmo autor, na década de 1900, os filmes começaram a ganhar histórias e assim, começou o desenvolvimento de artifícios de montagem

cinematográfica. Na década de 1920, surge o cinema sonoro, com filmes falados e atitudes mostradas em diálogos, e junto com ela, o surgimento dos rádios.

Anos depois, na mesma década, o aparecimento das televisões trouxe, primeiramente, programas transmitidos ao vivo. Não havia como gravá-los para transmiti-los depois, ou mesmo, editá-los. Com a criação dos *videotape*, os programas puderam ser gravados, editados e transmitidos posteriormente, permitindo não só a facilidade de produção desses programas, como também estimulando reflexões sobre a linguagem televisiva (CHAMPANGNATTE, 2010).

2.2 MÍDIAS AUDIOVISUAIS JORNALÍSTICAS

As mídias audiovisuais jornalísticas foram se transformando junto com a evolução dos programas televisivos e as tecnologias do setor.

Segundo Spinelli (2012), os telejornais eram realizados apenas com um apresentador lendo as notícias de forma clara e objetiva. Esse formato foi designado de notas simples (nota pelada ou nota ao vivo), no qual o apresentador apenas lia a notícia sem a interferência de recursos complementares. Com a descoberta do uso das imagens, tanto estáticas como dinâmicas, como potenciais nos programas, o apresentador lia as notícias e as imagens corriam referentes aos fatos ocorridos. Esse formato foi denominado de notas cobertas.

Além do uso de imagens, o telejornalismo também desenvolveu e empregou o uso de linguagens sedutoras para atrair os telespectadores, até mesmo quando se desejava ser objetivo ou afirmativo (COUTINHO, 2006). Sua linguagem torna-se assim, clara e concisa, aproximando-se mais do coloquial, para que o telespectador entenda a matéria. Desse modo, busca-se evitar o formalismo e termos rebuscados (BRESSAN; OLIVEIRA FILHA, 2012).

Com a criação das reportagens, em meados da década de 1960, esse passa a ser o impulsionador das notícias informativas e o formato mais predominante nos telejornais considerados até os dias de hoje. Nas reportagens, o repórter é a essência. É a partir dele que se prioriza a informação. Neste formato, de acordo com Spinelli (2012, p. 3), os “fatos são organizados de maneira linear por meio de elementos da linguagem audiovisual – *offs*, passagens e sonoras [...]”. Dessa maneira, o espectador compreende perfeitamente as informações que são transmitidas, de forma imparcial e objetiva, sem ter dúvidas sobre o ocorrido.

As linguagens audiovisuais são conceituadas como: *off*, uma “notícia coberta com imagens e sem a presença, no vídeo, do repórter” (VEIGA, 2002, p. 125), com o “texto gravado (pelo repórter ou apresentador) para ser editado junto com as imagens da reportagem” (PATERNOSTRO, 2006, p. 222), mostrando a locução do repórter com base em imagens oferecidas pela equipe de reportagem; a segunda linguagem audiovisual são as passagens, que são a “gravação feita pelo repórter no local do acontecimento, com informações, para ser usada no meio da matéria” (PATERNOSTRO, 2006, p. 213), destacando e descrevendo informações da notícia, servindo para “fazer a ligação entre duas partes da reportagem, o *off* e as entrevistas” (VEIGA, 2002, p. 125); e por fim, a linguagem audiovisual sonora, que indica a “[...] entrevista de reportagem, a fala do entrevistado” (VEIGA, 2002, p. 128), com a gravação em contraplano (imagem do repórter realizando perguntas para o entrevistado).

Após os vídeos serem gravados, editados e as reportagens estarem prontas, cabe aos Centros de Documentação, ou acervos das emissoras, armazenarem as mídias audiovisuais produzidas, incumbindo de supervisionar, identificar, tramitar, usar, tratar, armazenar, organizar e arquivar as mídias. Esses ainda devem coordenar os processos de implantação de novas tecnologias para preservar, dar acesso e divulgar a documentação arquivada (CARVALHO; VASCONCELOS, 2007).

2.2.1 Processo de edição de reportagens

Conforme Paternostro (2006, p. 162), “é com a edição que uma reportagem ganha o formato final para ir ao ar”. Editar uma reportagem é dar sentido ao material bruto do jornalismo. É montar o áudio e o vídeo de uma reportagem, usando os ingredientes básicos: a imagem, a informação e a emoção, para contar uma história. Selecionar as imagens e sons, colocando-os de forma lógica, clara e objetiva, para a fácil compreensão do telespectador (PATERNOSTRO, 2006).

Paternostro (2006) apresenta algumas dicas para facilitar a edição de reportagens. Primeiramente, diz necessário conhecer o material bruto detalhadamente, para poder realizar a decupagem do material gravado. Relata que é importante perceber as sonoras, as imagens, as passagens e o *off* dos repórteres. Ao decupar a fita, anotar o *time code*, as suas marcações para edição futura. Isto é,

anotar no computador ou em um papel em quais minutos e segundos da fita estão as cenas, as entrevistas, as passagens do repórter, entre outros, para ajudar o editor na localização com mais facilidade e rapidez no momento da edição. Em seguida, realizar um plano de edição, escrevendo o roteiro para ordenar o pensamento. Assim, a reportagem se torna mais clara, objetiva, informativa e interessante. Após, menciona destacar as informações para o *lead* da matéria – a abertura das matérias jornalísticas, que pode ser chamada também de cabeça da matéria, no qual indica a introdução da matéria na notícia propriamente e que é lida pelo apresentador no estúdio (VEIGA, 2002) – e ter o ponto do qual irá partir a edição. Por fim, para editar a matéria, é necessário trabalhar com o editor de texto e o editor de imagem, que juntos, discutem e planejam a edição na ilha de edição, na “sala onde estão os equipamentos para a edição de uma reportagem em VT” (PATERNOSTRO, 2006, p. 206). Os sons e imagens são colados como se deseja. Como base, se tem o texto *off*, no qual se insere as sonoras (as entrevistas cortadas), a passagem do repórter, o som em *background* e as artes até a finalização da matéria.

2.2.2 O script

O script é o “roteiro do telejornal formado pelo conjunto das laudas das matérias na ordem em que irão ao ar” (VEIGA, 2002, p. 127). Quando o telejornal fica pronto, as laudas são impressas e formam o script. Esse é distribuído para todas as pessoas envolvidas, como para os apresentadores, o editor-chefe, o operador de áudio, o coordenador, entre outros, com todas as operações para que o telejornal ocorra (PATERNOSTRO, 2006).

As laudas são “folhas de papel com marcação especial para ser usada em telejornalismo” (VEIGA, 2002, p. 124) e são divididas em dois campos. O da direita, com espaço para 32 caracteres, apresenta o texto do áudio, em que há escrito tudo que o apresentador irá ler no ar e todas as informações que esse precisa para fazer a leitura correta da notícia. E o da esquerda, encontram-se as informações do vídeo, referente às imagens e informações técnicas necessárias (VEIGA, 2002). Além disso, há também todas as funções da produção, desde a elaboração da pauta até a exibição (PATERNOSTRO, 2006).

Com a vinda da tecnologia da informação, as laudas passaram a ser reproduzidas em telas de terminais. Na parte superior, no cabeçalho, há espaços

para a identificação de data, do nome do editor do telejornal (o repórter ou redator), do nome do jornal, do assunto a ser tratado (a retransmissão da matéria, a “identificação da matéria” (PATERNOSTRO, 2006, p. 217), imprescindível que seja clara, precisa) e do tempo da matéria. Como nas laudas impressas, na coluna da direita, as informações são destinadas a tudo relacionado ao som da matéria, as marcações de áudio, e a coluna da esquerda, as informações de vídeo (imagem), o uso de câmeras, as ilustrações e caracteres (os nomes, as datas, os créditos que devem ser inseridos sobre a imagem). Além dessas informações, na coluna da esquerda há indicações sobre a aparição do locutor no vídeo (LOC VIVO) ou se apenas narração (LOC OFF) (PATERNOSTRO, 2006).

Os Teleprompter, ou TP, são aparelhos que reproduzem o texto do script sobre a câmera, facilitando a leitura do apresentador do noticiário. Assim esse não precisa decorar o texto ou ler o seu papel no momento da apresentação, podendo, ao invés de olhar para baixo, olhar diretamente para o telespectador. (PATERNOSTRO, 2006).

Em cada script, as informações devem estar no lugar certo, ser claras e destacadas no corpo do texto, com os padrões utilizados nas redações, para que sirvam de guia para toda a equipe. Havendo incorreções ou marcações fora do padrão, essa pode levar a erros, dúvidas e problemas no momento da exibição. Portanto, deve ser revisada antes de ser aprovada (PATERNOSTRO, 2006). Como os scripts devem ser entendidas por todos os envolvidos, para que a produção do telejornal seja seguida, é possível que cada telejornalismo crie seu próprio modelo, estabelecendo uma estrutura própria, um modelo único.

O Modelo (FIGURA 1) a seguir, disponibilizado por Paternostro (2006, p. 180), apresenta campos destinados a várias informações, sendo eles:

- 1) **PAG**: número da página;
- 2) **NT**: nota;
- 3) **RETRANCA**: nome da matéria;
- 4) **LOC**: locutor;
- 5) **tCAB**: tempo da cabeça da matéria;
- 6) **tVT**: tempo do VT;
- 7) **tMAT**: tempo da matéria, o tempo da cabeça da matéria mais o tempo do VT;
- 8) **FITA**: número da fita;
- 9) **MODI**: modificado, por algum editor que tenha acesso;

- 10) **APV**: aprovado pelo editor-chefe;
- 11) **TEMPO**: total de tempo;
- 12) **OK**: indicativo de que a página e a matéria estão prontas;
- 13) **EDIT**: nome do editor da matéria;
- 14) **TJ**: nome do telejornal;
- 15) **DATA**: dia, mês ano e hora da matéria;
- 16) **OBS**: detalhes da matéria;
- 17) **GC**: gerador de caracteres, os códigos para os créditos padronizados de cada telejornal.

FIGURA 1 – MODELO DE PÁGINA DO SCRIPT

Pág 15 - 1

PAG	NOTAS	RETRANÇA	LOC	ICAB	IVT	IMAT	FITA	MODI	APV	TEMPO	OK	EDIT
5	VT	NC BSB LULA	ana	1:24	0:00	1:24	?	versal	versal	0:00	INQ	versal

TJ: GW DATA: 19/11/2005 17:22:18 OBS: nota coberta encontro Lula - Morales/ OFF vivo

LOCUTOR VIVO *cabeça da matéria*

// RODA VT // LOCUTOR OFF VIVO

*GCGNIMAGEM1
JOÃO JOSÉ SILVA

*GCGNCRED1
EVO MORALES
líder sindical

VT OFF ao vivo

indicações de sonora

{} O PRESIDENTE LULA RECEBEU, EM BRASÍLIA, O LÍDER SINDICAL E CANDIDATO FAVORITO A PRESIDÊNCIA DA BOLÍVIA, EVO MORALES./

{} {{{{{{ LOC OFF VIVO }}}}}

O ENCONTRO DUROU QUASE DUAS HORAS // EVO MORALES AFASTOU QUALQUER HIPÓTESE DE EXPROPRIAÇÃO DAS UNIDADES DA PETROBRÁS NO PAÍS / MAS TAMBÉM DISSE QUE OS CONTRATOS DE EXPLORAÇÃO DE GÁS PRECISAM TER EQUILÍBRIO ENTRE AS PARTES //

O PRESIDENTE LULA E O LÍDER SINDICAL TAMBÉM DISCUTIRAM A SITUAÇÃO DAS PROPRIEDADES RURAIS DE BRASILEIROS NA BOLÍVIA //

O FAVORITISMO DA CANDIDATURA DE EVO MORALES MARCA A ASCENSÃO DEFINITIVA DA POPULAÇÃO INDÍGENA NO CENÁRIO POLÍTICO BOLIVIANO //

MORALES, LÍDER DOS COCALEIROS E DIRIGENTE DO MOVIMENTO PARA O SOCIALISMO, PRETENDE REFUNDAR A BOLÍVIA EM NOME DA CULTURA DA MAIORIA.

{} {{{{{{ SOBE SOM EVO MORALES

deba :..... asta el final de mi governo. }}}}

ÍNDIO AYMARA, DE QUARENTA E SEIS ANOS, FILHO DE CAMPONESES QUE NÃO COMPLETOU O SEGUNDO GRAU, EVO MORALES É CHAMADO DE NARCOTRAFICANTE POR SETORES DA DIREITA E TEMIDO PELO GOVERNO DOS ESTADOS UNIDOS //

FONTE: Paternostro (2006, p. 180)

2.3 SISTEMAS DE RECUPERAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Um dos grandes desafios da Ciência da Informação é encontrar formas de organizar espaços informacionais para torná-los mais eficientes e efetivos. Essa necessidade vem da preocupação em garantir que os usuários tenham acesso à informação e possam recuperá-las.

Os Sistemas de Recuperação da Informação (SRI), segundo Araújo (1995, p. s/n) “objetivam dar acesso às informações potencialmente contidas em documentos neles registrados e *que* serão usados indistintamente”. Já para Araújo (2012, p. 139) os SRI “tratam da representação, do armazenamento, da organização e da localização dos itens de informação”. Araújo (2012) define os SRI como sistemas que vão além de apenas dar acesso às informações de documentos para os usuários. Apresenta os SRI como organizadores e comunicadores da informação, utilizando de linguagens documentárias, objetivando armazená-los em determinados locais para estabelecer uma ligação entre os SRI e os usuários. Analisando dessa forma, é possível considerar também que os SRI podem ser vistos como um intermediário do processo de troca da informação entre a coleção de recursos de informação e o usuário. Nesses sistemas, Souza (2006) considera a informação como o conhecimento em documentos, a informação como uma “coisa”.

De acordo com Souza (2006, p. 163), os SRI “organizam e viabilizam o acesso aos itens de informação” e assim, desempenham as seguintes funções:

- 1) representar as informações contidas nos documentos, geralmente através de processos de indexação e descrição dos documentos;
- 2) armazenamento e gestão física e/ou lógica dos documentos e de suas representações;
- 3) recuperação das informações representadas e dos próprios documentos armazenados, de forma a satisfazer as necessidades informacionais dos usuários.

Os documentos que existem nesses sistemas registram informações utilizadas com a finalidade de maximizar o uso da informação. Porém, são apenas sistemas que, de maneira genérica, realizam o processo de comunicação. Não informam o usuário sobre os conhecimentos de suas dúvidas, apenas informam que há a existência de informações que atendam às suas questões e as características desses documentos.

2.3.1 Linguagem documentária

Campos (2001) esclarece que os Sistemas de Recuperação de Informação possuem inúmeros instrumentos que são utilizados para representar o conhecimento de diversas áreas do conhecimento. Denomina esses instrumentos de linguagens documentárias.

A linguagem documentária como instrumento também é caracterizada por Lara (2004, p. 232) como “conjunto dos diferentes tipos de instrumentos especializados no tratamento da informação bibliográfica (sistemas de classificação enciclopédicos ou facetados e tesauros)”, além de defini-la de maneira ampla e complexa, como “a linguagem especialmente construída para organizar e facilitar o acesso e a transferência da informação” (LARA, 2004, p. 232). A autora acrescenta ser um instrumento que exerce função de ponte entre a linguagem do sistema e a linguagem do usuário.

Para conceituar linguagem documentária, Novellino (1996) explica que para realizar a representação da informação, os passos principais são: analisar o assunto de um documento, colocar o resultado em uma expressão linguística e, assim, atribuir conceitos ao documento analisado. A atribuição dos conceitos, a última fase do processo, pressupõe uma linguagem documentária, expondo-a como um “instrumento de padronização da indexação, a qual visa garantir que indexadores de um mesmo sistema ou sistemas afins usem os mesmos conceitos para representar documentos semelhantes” (NOVELLINO, 1996, p. 38). Assim como Lara (2004), o autor especifica que a linguagem documentária é um instrumento que permite a indexadores e usuários partilharem do mesmo vocabulário.

Embora instrumentos como os resumos, catálogos, bibliografias, índices, inventários e repertórios sejam formas de representação da informação que permitem a sua distribuição e localização da memória documentária, Dodebei (2002) não os consideram linguagens documentárias.

Para Dodebei (2002), as linguagens documentárias são metarrepresentações ou representações documentárias. A autora considera, a partir da ideia de Coyaud¹ (1972 citado por DODEBEI, 2002), que a linguagem documentária, como instrumento, necessita da “operação de transformação da

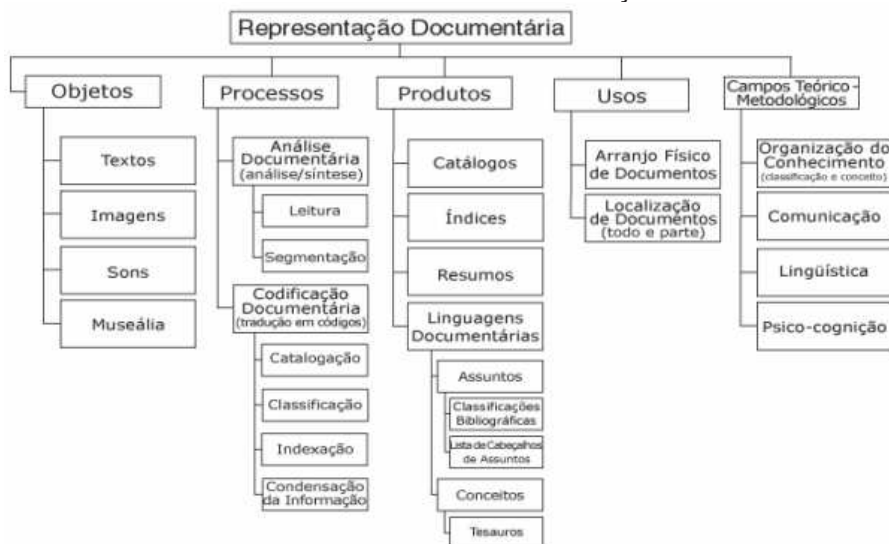
¹ COYAUD, M. Analyse et recherche documentaire. In: _____. **Linguistic et documentation**: les articulations logiques du discours. Paris: Larousse, 1972.

língua natural em uma linguagem artificialmente construída para favorecer a comunicação documentária, preservando nestas as funções semânticas e sintáticas da primeira” (DODEBEI, 2002, p. 40). Instrumentos como os resumos e índices não indicam essa operação, pois na sua formação não há a reflexão das terminologias utilizadas nos documentos analisados.

A fim de tornar os documentos úteis na pesquisa documentária, Dodebei (2002) apresenta dois aspectos que devem ser considerados e efetuados no processo da operação: o primeiro aspecto é referente aos “processos” que acontecem na transformação do objeto em item documentário, sendo possível realizar futuramente a sua recuperação na memória documentária; o segundo aspecto é relativo aos “produtos”, que são gerados ou construídos para melhorar a comunicação entre o usuário e o objeto, que se tornam então instrumentos de representação documentária.

Nessa operação, a autora considera os “processos” como a análise, a síntese e a tradução do documento em códigos documentários. A análise e a síntese constituem a análise documentária. Já a tradução do documento em códigos documentários, dependerá do objeto específico da criação do código documentário, isto é: a catalogação, classificação, indexação ou condensação informativa. Os “produtos” resultantes desses processos são os catálogos, índices e resumos. Já os “produtos” que são construídos para melhorar a comunicação, são as linguagens documentárias. A FIGURA 2 abaixo representa uma das possibilidades de leitura apresentada por Dodebei (2002).

FIGURA 2 – QUADRO DA REPRESENTAÇÃO DOCUMENTÁRIA



FONTE: Dodebei (2002, p. 43)

2.3.2 Análise documentária

A análise documentária refere-se a um dos processos da construção da linguagem documentária. “É um conjunto de procedimentos efetuados com o fim de expressar o conteúdo de documentos, sob formas destinadas a facilitar a recuperação da informação.” (CUNHA, 1990, p. 59).

Para realizar a análise documentária, os métodos utilizados pelo analista/leitor eram considerados operações empíricas de “bom senso”, atribuindo uma ou mais palavras-chave para um documento qualquer, a fim de facilitar a sua recuperação em momentos de pesquisas de um dado tema. Utilizavam também palavras-chave consideradas “neutras”, palavras estas desprovidas de sentidos (CUNHA, 1990).

No entanto, a passagem do texto original para uma representação é considerada uma operação semântica (uma análise da significação nas línguas naturais; um estudo do significado das palavras e da interpretação das frases e/ou enunciado). Cunha (1990) afirma que o analista da documentação, mesmo trabalhando de forma empírica e pragmática, deve considerar algumas variáveis, as variáveis do discurso, através de uma língua já conhecida e que já compreende a sua organização interna, e as variáveis da linguagem, da ideologia.

Na variável da linguagem e da ideologia, Cunha (1990) aponta que é necessário tomar em conta um sistema, um universo de referência, um conhecimento da área, que já exista a disseminação desse produto-informação e que deve se sustentar também na variável produtor-tradutor-consumidor dessa informação.

Para Kobashi (1996, p. 9) a “Análise Documentária, em sua dimensão operatória, manipula e transforma textos em dois tipos básicos de representações: o resumo e o índice”. O resumo é construído a partir da desestruturação do texto-base em fragmentos, organizando a forma de um novo texto, reconstruindo o sentido do texto original. Na indexação (índice), procura-se, no processo de segmentação do texto-base, obter um grau maior de compactação, procurando fragmentar por meio de palavras (KOBASHI, 1996). A autora acrescenta a seguinte análise: para o produto da indexação, uma nova ordem de sentido é gerada, mediada pelo instrumento comutador linguagem documentária, que torna as informações dos textos generalizadas, integrando em “classes” já previstas no referido instrumento

(KOBASHI, 1996). As informações geradas a partir desses textos, independentemente do *corpus* do documento, não operam a partir das informações particulares do texto, mas a partir de uma representação generalizada de representação documentária. Os termos gerados na indexação da linguagem documentária são unidades semânticas orientadas pela univocidade, pois seus significados são delimitados pela fixação semântica.

2.3.3 Tesauros

Sendo um instrumento informacional, etimologicamente, a palavra tesouro vem do grego, *thesaurós*, e do latim, *thesaurus*, que significa tesouro ou armazenagem/repositório, utilizado por muito tempo para designar léxico (um dicionário, um conjunto de vocabulários de línguas clássicas antigas, organizado em ordem alfabética e com as suas respectivas significações) (CAMPOS; GOMES, 2006; DODEBEI, 2002).

Os tesauros serviam para que o indexador possa selecionar o “termo mais adequado para descrever o conteúdo informacional dos documentos” (KOBASHI, 1996, p. 6). Esse instrumento, uma linguagem documentária, é considerado uma ferramenta valiosa para auxiliar o usuário no momento da exploração adequada dos sistemas documentários.

Sendo uma representação da informação, o vocabulário do tesouro não são palavras da linguagem natural, mas de uma lista de termos, termos esses que referenciam ou que denotam um conceito de um determinado domínio do conhecimento. Portanto, o contexto dos tesauros não são o discurso, mas sim, o seu domínio (CAMPOS; GOMES, 2006).

Para Campos e Gomes (2006, p. 347), o tesouro “[...] se trata de uma relação de termos de um domínio, relacionados entre si, com objeto de indexação/recuperação em um sistema de recuperação de informação”.

Dodebei (2002) ensina que os tesauros, na função de indexação e recuperação de informações, contribuem para a alocação de documentos em classes de assuntos, pois têm a capacidade de controlar o vocabulário e são instrumentos que relacionam os descritores/termos de maneira consistente. Esse instrumento apresenta uma estrutura sintética e simplificada, com um relacionamento lógico e hierárquico, mas com uma complexa rede de referências

cruzadas, que contribui para a indexação de documentos de nível específico e genérico. Dessa forma, permite que documentaristas possam localizar com maior facilidade a palavra-chave para a busca desejada.

De acordo com Vieira, Santos e Lapa (2010), o controle terminológico dos tesouros é constituído de descritores (termos eleitos ou termos preferidos), que representam conceitos. Os termos não-descritores, ou termos proibidos, são caracterizados por termos que possuem os mesmos conceitos dos descritores, mas não foram habilitados para a indexação e recuperação da informação para evitar a geração de sinônimos e termos equivalente, mas que podem ser utilizados para condicionar o usuário na recuperação de documentos com termos mais adequados (MIRANDA; MEDEIROS; SUJII, 1990; VIEIRA; SANTOS; LAPA, 2010). Há ainda a existência dos termos identificadores, que são representados por conceitos individuais, como nomes de instituições, planos e projetos; e os termos modificados, que são termos que não são usados isoladamente e possuem a função de esclarecer ou limitar o significado de descritores (MIRANDA; MEDEIROS; SUJII, 1990).

Para realizar a elaboração dos tesouros, Miranda, Medeiros e Sujji (1990) descrevem uma atividade essencialmente intelectual.

Procura-se, a partir da análise semântica dos termos, definir relações entre eles e agrupá-los de acordo com a estrutura conceitual do campo do conhecimento que está sendo analisado. Todo esse processo envolve uma tarefa complexa de verificação e controle para que se evite inconsistências (MIRANDA; MEDEIROS; SUJII, 1990, p. 185).

Frequentemente, os tesouros são representados sistematizados em categorias. Essas categorias são desenvolvidas a partir de análise de campos do conhecimento que serão abordados no tesouro, no qual são subdivididos em áreas de assunto. Os autores (MIRANDA; MEDEIROS; SUJII, 1990, p. 186-187) apresentam também que as relações dos tesouros são geralmente do tipo:

- 1) **relação de equivalência**: é a relação entre termos que representam o mesmo conceito, pois são termos sinônimos ou termos equivalentes. Na elaboração dos tesouros, apenas um dos termos irá compô-lo, os outros termos serão considerados não-descritores. Essa relação é representada pelos símbolos USE e UP (usado para).

Exemplo: tecnologia agrícola UP engenharia agrícola; ou, engenharia agrícola USE tecnologia agrícola;

- 2) **relação hierárquica**: é a relação que apresenta graus de superordenação e subordinação entre os conceitos. É representado pelo termo genérico (TG) – termo superordenado –, que corresponde ao termo mais abrangente, e o termo específico (TE) – termo subordinado –, que equivale a uma parte ou tipo do termo genérico.

Exemplo: TE solos ácidos, TG solos.

- 3) **relação associativa**: é a relação entre termos que não são equivalentes, não formam nenhuma hierarquia, porém, se associam. Essa relação é representada pelo símbolo TR.

Exemplo: tradutores TR tradução.

Na relação hierárquica, Miranda, Medeiros e Sujii (1990), ressaltam que pode haver relações de termos específicos com mais de um termo genérico, formando um relacionamento **poli-hierárquico**. Quando os tesouros se restringem a apenas ligações de termos genéricos e termos específicos, esses são denominados de **mono-hierárquicos**. No momento em que há a necessidade de se esclarecer o uso de um descritor, utiliza-se das notas explicativas, representada pelo símbolo NE. Na ocasião em que os tesouros usam a **relação alternativa** para representar um não-descritor para vários descritores, utilizam-se os símbolos VEJA... OU e a recíproca VD (visto de). Exemplo: fluídos VEJA gases OU líquidos; gases VD fluídos; e líquidos VD fluídos (MIRANDA; MEDEIROS; SUJII, 1990).

2.4 REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Representar remete a ideia de “colocar algo em lugar de” (ALVARENGA, 2003), um conceito de substituição de objetos ou ideias em algo. A representação da informação, gerada a partir dos registros de informação, é a forma de apresentar e representar as obras de informação, de forma a torná-la acessível em sistemas de informação. É a “substituição de uma entidade linguística longa e complexa [...] por sua descrição abreviada” (NOVELLINO, 1996, p. 38). São documentos que permitem representar e identificar um conjunto de informações documentárias, não o conhecimento nele contido, mas as informações para designar a obra original

(ORTEGA, 2008). É “criar ‘imagens’ não *exatas* e integrais, mas suficientemente rigorosas para tornar possível uma identificação inequívoca dos objetos representados” (RIBEIRO, 2005, p. 95). Descrevem assim, as características da obra original, revelando a sua origem e o seu conteúdo, facilitando a sua localização, recuperação e uso pelos usuários (ALVARENGA, 2003).

Conforme Ribeiro (2005) os sistemas organizados começaram a criar formas de representar a informação desde muito cedo, que serviam como meios de acessar e substituíam a pesquisa *direta* sobre os materiais. Catálogos, repertórios, inventários, listas de referências ordenadas e todos os tipos de índices, são considerados instrumentos de acesso à informação, desempenhando o papel de intermediador entre o pesquisador e o produto informacional que está sendo procurado.

Para que seja funcional, “é esperado que os registros apresentem características que garantam aderência entre essas representações e as questões de busca efetivamente realizadas pelos usuários” (ORTEGA; LARA, 2010, p. 8). Para que seja bem sucedida, é necessário ter um conhecimento prévio daquilo que será descrito, pois apenas é possível representar com exatidão aquilo que se conhece bem (RIBEIRO, 2005). Assim, de acordo com Alvarenga (2003, p. 23), a sua construção envolve a “interpretação do documento original a ser incluído no sistema, sua descrição como um objeto, sua origem e a condensação de seu conteúdo, a partir dos conceitos nele contidos [...]”. Dessa forma, torna-se um artifício para enfatizar o que é essencial numa obra e junto com a recuperação da informação, transforma-se na solução para a organização e uso da informação (NOVELLINO, 1996).

O processo para realizar a representação da informação, conforme Novellino (1996) consiste em: (1) analisar o assunto de um documento e colocar o resultado da análise numa expressão linguística; e (2) atribuir os conceitos ao documento analisado aplicando a linguagem documentária, para padronizar a indexação e garantir que os documentos e usuários partilhem do mesmo vocabulário.

A representação da informação pode ser subdividida em duas representações: a representação descritiva e a representação temática. A representação descritiva “ênfatisa as propriedades físicas do documento, como autor, data, local de publicação etc.” (NEVES, 2012, p. 41). Já a representação temática, “identificar os conceitos abordados no documento” (NEVES, 2012, p. 41). Os dois

geram registros com o objetivo de recuperar a informação, através de índices, catálogos, dados bibliográficos, entre outros. Dessa forma, as duas representações serão apresentadas com mais detalhes a seguir.

2.4.1 Representação descritiva

A representação descritiva representa os registros de informação sobre os aspectos formais dos documentos, das obras, incluindo processos de descrição física e de elementos de sua identificação. Pode ser chamada de catalogação, utilizada muito em comunidades de bibliotecas, e também de descrição bibliográfica, usada pela comunidade dos serviços de informação científica (ORTEGA; LARA, 2010). Ribeiro (2005, p. 85) considera dois objetivos essenciais da informação descritiva: “controlar fisicamente a localização dos documentos e informar sobre as suas características e, por vezes, sobre o seu conteúdo (a informação)”, apresentando os metadados como elementos facilitadores dessa catalogação.

O exemplo mais antigo, informado por Ribeiro (2005), quanto aos primeiros instrumentos para o acesso à informação, é o *Pinakes*, o catálogo da Biblioteca de Alexandria, composto por 120 volumes, elaborado por Calímaco (310-240 a.C.), um poeta erudito e bibliotecário. Ordenado por temas e autores, continha notas biográficas. O primeiro código de catalogação nacional, apresentado também por Ribeiro (2005), foi o de Jean-Baptiste Massieu, da França, em 1791. E o primeiro com base em códigos mais modernos, o de Antonio Panizzi, da Grã-Bretanha em 1841, com a apresentação de 91 regras de catalogação, para a confecção de catálogos de livros impressos, mapas e músicas.

2.4.2 Representação temática

Diferente da representação descritiva, que focaliza nos aspectos físicos, a representação temática é voltada para a “identificação do conteúdo conceitual dos documentos” (NEVES, 2012, p. 40). É um processo que extrai os conceitos dos documentos por meio da análise e não por síntese (NEVES, 2012). Procede com a atribuição de assuntos das obras, dos documentos, com o processo de: classificação bibliográfica, por meio da representação documentária, com o objetivo de ordenar os documentos para o acesso; a indexação, elaborando pontos de

acesso para remeter o registro da obra; e elaboração de resumos, uma síntese da obra original (ORTEGA; LARA, 2010).

Neves (2012, p. 40) relata que “a indexação é um processo subjetivo que depende, em grande parte, do desempenho do indexador.” Esse deve ater-se para identificar o conceito ou conceitos da leitura técnica para compreender o que é importante no documento, para que assim, garanta que a informação não seja negligenciada. Desse modo, a autora separa-a em duas etapas: a análise de assunto e a tradução dos conceitos em termos de uma linguagem de indexação.

Entende a análise de assunto como uma operação base de todo o processo de indexação. Subdivide em: compreender o conteúdo do documento como um todo a partir da leitura; e identificar os conceitos levantados, selecionando-os para que possam compor os descritores para a recuperação. A identificação e seleção são pautadas na tradução dos conceitos para instrumentos de controle terminológicos, definidos como linguagem de indexação ou linguagem documentária (tesauros, sistemas de classificação, cabeçalhos de assuntos, entre outros), desenvolvendo a criação de uma linguagem. Ao realizar a análise de assunto, essa pode estar revestida de subjetividade inerente.

De acordo com Ortega e Lara (2010), a representação temática só se consolidou em razão dos fundamentos das linguagens documentárias, que promoveu uma melhor estruturação das atividades empíricas dos termos indexados. Ainda, as linguagens documentárias permitem preencher os campos das estruturas com conteúdos temáticos de modo qualificados, porém não apresenta parâmetros importantes e necessários para a elaboração desses campos. Para que essa possa ser precisa, é necessário desenvolvê-la em conjunto com as políticas de tratamento das informações, pensando no sistema de informação como um todo (ORTEGA; LARA, 2010).

2.5 A ANÁLISE DO CONTEÚDO AUDIOVISUAL

Em seu livro “O conteúdo da imagem”, Moreira González e Arillo (2003) apresentam, no capítulo intitulado de “O tratamento dos conteúdos nos audiovisuais”, as classes e os processos de análise desses arquivos e, de maneira genérica, os campos e formatos de controle de mídias audiovisuais.

Inicialmente, contextualizam afirmando que muitas vezes ocorre que as mídias audiovisuais são reutilizadas para se criar novos vídeos, podendo acontecer em contextos totalmente diferentes do original, e a descrição dessas mídias se realiza de maneira parecida com a análise de documentos textuais devido ao discurso oral que as características do texto expressam, sendo independente para a informação visual e sonora.

Expõem que a análise dessas mídias pode ser de duas classes. A primeira refere-se à análise sequencial, no qual a análise é feita a partir da descrição de um quadro, um momento exato do vídeo, relatando os seres e os objetos que nele estão contidos. “Trata-se da realização de uma seleção, cujo resultado é a representação do conteúdo mais relevante no caso de uma possível reutilização das imagens” (MOREIRO GONZÁLEZ; ARILLO, 2003, p. 105). Em alguns casos, nessa classe, o uso do registro da minutagem e secundagem (HH:MM:SS) ajudam na descrição de sequências que aparecem fragmentadas ao longo do conteúdo, e a descrição com exatidão de determinados objetos também contribui com essa análise factual, como os comentários, ações desenvolvidas e a sua evolução, equipamentos utilizados, resultados apresentados, efeitos especiais, curiosidades, incidentes, entre outros. A segunda classe é a análise resumida, uma análise em nível discursivo, informando detalhes que não tenham sido vistos ou que auxilie o usuário para uma descrição mais completa e oferecendo uma visão global do arquivo audiovisual. Além das duas classes, uma outra maneira de descrever, apresentada pelos autores, é com o uso de léxicos documentais, como as listas de cabeçalhos de assunto ou tesouros, que também contribuem para a análise.

Dessa forma, o processo dessas análises ocorre em três fases consecutivas, sendo elas: a descrição do plano (descrever de maneira cronológica os planos e os elementos que nela possuem, sendo elas os gráficos e sonoros); a indexação (com o uso de descritores de linguagem livre ou controlada); e o resumo (breve e com o uso da linguagem natural).

Moreiro González e Arillo (2003) relatam ainda que os arquivos audiovisuais possuem elementos formais que podem influenciar no seu significado e no seu tratamento. Assim, a análise do plano pode ser apresentada da seguinte maneira:

- a) **movimento da câmera:** plano fixo; *travelling*; para frente; para trás; vertical; panorâmica; 360°; direita-esquerda; esquerda-direita; bácia; para cima;

- para baixo; *zoom*; aproximação da imagem; distanciamento da imagem; grua (movimentos completos nas três dimensões do espaço); e vistas aéreas;
- b) **movimento da imagem**: temporização; normal; imagem acelerada; imagem em câmera lenta; retrocesso; congelamento ou foto fixa;
 - c) **continuidade**: sobreimpressão; ao início; ao fim; fundo negro; plano cortado; varrido; ação simultânea desvanecimento; cortina;
 - d) **efeitos eletrônicos**: *Picture in Picture*; passa-página; estrela espelho;
 - e) **movimentos do sujeito**: transversal; oblíquo; frontal;
 - f) **angulação**: de cima; horizontal; de baixo; lateral esquerda; frontal; lateral direita; combinações entre algumas das anteriores.

Outras formas de identificar os tipos de imagem são com os critérios do indexador, como por exemplo, o uso dos termos: exteriores, internos, dia, noite, inverno, verão, som ambiente, sem som, música, entre outros.

E os principais formatos padronizados, de maneira geral, para descrever os documentos audiovisuais são:

- a) **área de título**: título; título atribuído; subtítulo; outros títulos;
- b) **área de responsabilidade**: realizador; *copyright*; outras pessoas que figuram nos títulos de crédito;
- c) **área de edição**: data de emissão; data de rodagem ou gravação; lugar de rodagem ou gravação;
- d) **área de descrição física**: suporte; duração; som; colorido e/ou preto e branco; formato e norma;
- e) **descrição de conteúdo**: conteúdo; palavra-chave;
- f) **área de produção**: número de produção; número de arquivo.

2.6 MANUAL DE CATALOGAÇÃO DE FILMES DA BIBLIOTECA DA ECA

Os elementos descritivos são utilizados para representar informações. Possuem a função de fornecê-las sobre determinados documentos, constituindo assim de um conjunto de elementos com a função de proporcionar e facilitar o acesso e a recuperação de informações.

Um dos estudos encontrados referente a essa técnica, que também é aplicada em processamento informacional de mídias audiovisuais, é o Manual de

Catálogo de filmes da Biblioteca da ECA/USP, desenvolvido por Marina Macambyra, em 2009.

Criado para a Biblioteca da Escola de Comunicações e Artes da Universidade São Paulo (ECA/USP), o Manual de Catálogo de filmes da Biblioteca da ECA/USP tem como objetivo divulgar a experiência acumulada da biblioteca para o público interessado, a partir do tratamento da informação em acervos de imagens em movimento. A sua criação teve como principal urgência o atendimento ao público principal do acervo (profissionais, estudantes e pesquisadores de cinema), pois o padrão utilizado para o tratamento de documentos textuais não era adequado às questões de tratamento de imagens em movimento, levando ao desenvolvimento de normas locais de catalogação.

O acervo de imagens em movimento da Biblioteca da ECA/USP é composto por: filmes importantes do cinema nacional; produções dos alunos do Curso Superior de Audiovisual da ECA; teses e trabalhos de conclusão de curso; óperas e outros documentos musicais; filmes publicitários; trabalhos de videoarte; programas de televisão; e documentários que abordam assuntos relacionados às áreas de estudo da Escola (MACAMBYRA, 2009).

Para a construção da catalogação, inicialmente foi realizado uma análise dos hábitos dos usuários e também de algumas fichas de outros acervos de imagens em movimento. Dessa forma, foi desenvolvido um primeiro modelo matriz de ficha para filmes e os princípios básicos do tratamento da informação para o acervo.

Com a publicação da *Functional Requirements for Bibliographic Records* (FRBR) ou Requisitos Funcionais para Registros Bibliográficos, catalogação da Federação Internacional dos Arquivos do Filme (FIAF), as novas regras e perspectivas da catalogação de documentos, principalmente para documentação audiovisual, foram aplicadas a construção da catalogação da Biblioteca da ECA, mas não integralmente. Nessa catalogação, O FRBR divide-a em 3 grupos:

- 1) **grupo 1:** produtos do trabalho intelectual ou artístico: *obra, expressão, manifestação e item*;
- 2) **grupo 2:** responsáveis pela criação, disseminação e custódia dos conteúdos: *pessoa e entidade coletiva*;
- 3) **grupo 3:** assuntos da produção intelectual: *conceito, objeto, evento e local*.

Cada grupo engloba um conjunto de características ou atributos que podem ser usadas para formular buscas.

Com isso, a base de dados do catálogo das imagens em movimento da Biblioteca da ECA, denominada de CENA, foi criada em 1994 e está disponível para uso desde 2000.

Cada obra é cadastrada em um registro da base. As principais categorias da informação nos campos da base de dados são:

- a) **título:** *título original* (título que o filme recebeu no país de produção; título oficial); *título nacional* (título de distribuição de filmes estrangeiros nos cinemas brasileiros);
- b) **país de produção:** país(es) sede da(s) empresa(s) produtora(s) do filme;
- c) **data de produção:** data em que o filme foi produzido; *outras datas*;
- d) **direção:** nome do diretor, autor do filme;
- e) **outros tipos de autoria principal:** nomes dos responsáveis por outras funções ligadas à autoria principal;
- f) **empresa produtora:** empresa/instituição responsável pela produção do filme (parte técnica, financeira e organizacional);
- g) **colaboração na produção:** empresa/instituição que tenha colaborado na produção do filme;
- h) **produtora associada:** campo utilizado apenas para filmes produzidos pelo curso de Audiovisual da ECA/USP (empresa formada pelos próprios alunos que realizaram o filme);
- i) **idiomas:** língua original veiculado;
- j) **versão:** campo utilizado quando há mais de uma versão da obra audiovisual;
- k) **equipe realizadora:** *produção; produção executiva; direção de produção; roteiro; argumento; fotografia; montagem; edição; som; direção de produção; desenho de produção; figurinos; cenografia; animação; música; câmera; efeitos especiais; outros créditos; assistentes; segunda unidade; técnicos*;
- l) **intérpretes:** atores e outros profissionais que atuam em frente às câmeras, tais como bailarinos, cantores e instrumentistas;
- m) **obras em que o filme foi baseado:** filme baseado em obras literárias, peças teatrais, histórias em quadrinho, óperas e qualquer outra obra criada anteriormente em outro meio;
- n) **descrição física e outras informações do exemplar:** dados relacionados às características do suporte material dos documentos; *material; quantidade de exemplares; bitola, sistema e padrão de cor; quantidade de materiais*;

características do som; características de cor; duração; região; idioma; número de tombo;

- o) **formato de tela:** formato no qual a imagem do vídeo ou do DVD é apresentado no monitor;
- p) **distribuição:** nome da distribuidora comercial do vídeo, DVD ou qualquer outro suporte destinado ao uso doméstico;
- q) **série:** títulos de séries de documentos independentes agrupados em função de um determinado tema ou motivo;
- r) **eventos e premiações:** festival ou mostra ou do qual o trabalho participou;
- s) **notas:** informações complementares sobre o documento e esclarecimentos sobre informações registradas em outros campos da descrição;
- t) **extras do DVD:** documentos extras incluídos num DVD, além do filme principal;
- u) **referência:** registro do autor, título e número de chamada de livros, teses ou trabalhos de conclusão de curso que acompanham ou são acompanhados por documentos audiovisuais;
- v) **resumo:** realizado após visualização completa e cuidadosa do documento;
- w) **assunto:** uso do Vocabulário Controlado USP como instrumento de controle vocabular na indexação de filmes; *indexação de filmes de ficção; local de ação; época da ação; evento; nomes de pessoas; características dos personagens; filmes de análise problemática; indexação de documentários e outros trabalhos não ficcionais;*
- x) **gênero e forma:** gênero e forma das mídias audiovisuais, como seriado, animação e televisão;
- y) **informações de uso administrativo:** *dados de aquisição; data de catalogação; catalogador; dados do negativo.*

O encaminhamento metodológico desta pesquisa será delimitado a seguir.

3 ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

O estudo proposto é de natureza exploratória, servindo-se dos processos da representação descritiva e temática para avaliação de arquivos audiovisuais telejornalísticos e decorrente determinação de elementos para a organização da informação.

Para a elaboração deste trabalho, inicialmente foi realizada uma revisão da história da televisão brasileira, averiguando a falta de padronização ou normas adotadas para a identificação de mídias audiovisuais, impedindo a eficiente recuperação desses arquivos. Por conseguinte, seguiu-se para uma pré-análise na revisão bibliográfica e documental, por meio de buscas relacionadas ao tema e aos conceitos de recuperação da informação, a partir de livros de leitura, artigos científicos e arquivos de órgãos públicos.

A fim de conhecer e comprovar a realidade do ambiente de Centros de Documentação e coletar dados sobre suas mídias audiovisuais telejornalísticos, as emissoras de televisão Rede Paranaense de Comunicação (RPC), Rede Independência de Comunicação de Curitiba (RIC TV Curitiba) e a UFPR TV, a emissora da Universidade Federal do Paraná, foram contatadas para contribuir com o estudo. Devido a dificuldade em ter acesso ao material por razões das emissoras RPC e RIC TV serem instituições privadas, essas foram desconsideradas, não podendo dispor de suas informações para somar com a pesquisa. Quanto à emissora UFPR TV, essa concordou em participar do estudo, sendo o ambiente de pesquisa escolhido e do qual a pesquisadora teve acesso.

Situada na Rua Bom Jesus, nº 650, bairro Juvevê, Curitiba, Paraná (CEP 80035-010), a UFPR TV, fundada em 2002, tem como objetivo divulgar, entreter e disseminar informações e conhecimentos acadêmico, científico, cultural e de utilidade pública de qualidade para a comunidade. Com exibição semanal, apresenta temas como saúde, pesquisas e assuntos da atualidade (UFPR TV, 2018).

Para colher informações junto à emissora UFPR TV, a técnica da entrevista semi-estruturada e questionário foram escolhidas como instrumento de pesquisa, pois permitem uma maior liberdade à pesquisadora e ao entrevistado.

A entrevista semi-estruturada permite que o entrevistado possa discorrer sobre o tema proposto a cada pergunta realizada. Com um conjunto de questões pré-definidas, ocorre uma conversa informal no qual o pesquisador dirige a

entrevista e pode adicionar perguntas pra poder esclarecer questões e intervir quando necessário para ajudar a recompor os objetivos da entrevista e aprofundar no assunto, possibilitando o direcionamento maior para o tema e confirmações de informações adicionais. O questionário pode ser enviado a diversas pessoas, não necessitando a presença do pesquisador para que o entrevistado responda as perguntas. Através desse instrumento, é possível obter respostas rápidas e precisas (BONI; QUARESMA, 2005).

Para a preparação do roteiro das perguntas, tanto para a entrevista semi-estruturada como o questionário, teve-se como objetivo realizar questões abertas e reunir respostas tanto do próprio profissional, quanto aos arquivos e mídias audiovisuais jornalísticas que a UFPR TV produz, organiza, arquiva e dissemina (APÊNDICE 1). Nesse processo, buscou-se identificar e caracterizar os itens que compõem o acervo, avaliar as demandas de informação e a consequente utilização de sistemas instalados, identificando os termos e/ou campos que mais utilizam nas suas buscas. A escolha dos profissionais foi realizada a partir da familiaridade dos entrevistados com o tema da pesquisa, sendo assim definidos para a entrevista o Diretor Geral da UFPR TV e o colaborador do Centro de Documentação da instituição (acervo).

A entrevista semi-estruturada foi realizada com o auxílio de um gravador, no dia 10 de abril de 2018, às 11 horas, no Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Paraná, junto ao Diretor Geral da emissora UFPR TV, Carlos Alberto Martins da Rocha, devido à disponibilidade do entrevistado.

Após a coleta das respostas do Diretor Geral da emissora, tentou-se contato com o colaborador do acervo da instituição. Entre os dias 3 de abril de 2018 até o dia 15 de abril de 2018, foi enviado um e-mail com o roteiro das perguntas para o acervo. Do questionário, o Cinegrafista e também Assistente em Administração José Appolinário, foi quem respondeu e encaminhou as respostas no dia 14 de abril de 2018 via e-mail.

Da posse desses dados, esses foram tratados e transcritos. Foi possível evidenciar a falta de estrutura básica de arquivamento e a não consideração em desenvolver padronização e normas para descrever os registros das mídias audiovisuais de maneira a contribuir com futuras recuperações da informação, como visto na revisão da história da televisão brasileira. Com o auxílio dos vídeos de todos os programas disponibilizados livremente pela UFPR TV no *site* da instituição e

também no seu canal no *site Youtube*, vídeos do programa “UFPR Notícias”, programa esse de caráter telejornalístico, foram analisados para compreender integralmente como são exibidos. Os registros de outros programas, como o “Scientia” e o “Fibra” também foram analisados, mas por não serem jornalísticos, mas sim informativos, não foram utilizados nesse estudo. Assim, realizou-se o diagnóstico do vídeo junto com as informações fornecidas na entrevista semi-estruturada e questionário.

Com essas informações, ligado ao estudo de Gonzáles e Arillo (2003), “O tratamento dos conteúdos nos audiovisuais”, e o Manual de catalogação de filmes da biblioteca da ECA, de Marina Macambyra (2009), foi elaborada a proposta do modelo de representação da informação, a partir de categorias e campos, para os arquivos audiovisuais jornalísticos do acervo, identificando a representação descritiva e a representação temática. Por fim, para por em prova o modelo, foi realizada uma aplicação do modelo de representação da informação como ilustração da proposta num dos vídeos do programa “UFPR Notícias”, do dia 19 e maio de 2018, para comprovar a sua eficiência e possível utilização pelas emissoras de televisão.

4 O DIAGNÓSTICO

A emissora UFPR TV produz 18 programas, das quais a maioria é de cunho jornalístico. O “UFPR notícias” é o *hard news* da emissora, o seu programa telejornalístico principal e diário. Apresenta os acontecimentos no âmbito da Universidade Federal do Paraná, dispondo de um perfil mais institucional. Exibem também, por exemplo, os programas dos projetos de extensão dos cursos da universidade, como o “FiBrA” e o “Coraçãozinho Apaixonados” e o programa “Em Tese” e o “Scientia”, que são voltados às questões de ciência para a divulgação científica para a população, com produções em estúdio e também produções externas, em campo.

Todos os programas são arquivados na íntegra (programa todo), desde a fundação da emissora em 2002. Porém, os arquivos de 2002 até 2009, devido aos vários suportes utilizados no decorrer do tempo, como as fitas magnéticas (fitas VHS), e até as digitais, como os DVDs, foram guardados, mas sem identificação para uma recuperação eficiente. Existem alguns, mas poucos, que possuem apenas o nome, e a data da gravação da matéria.

Para conhecer o que há nesses suportes é necessário que sejam passados para algum dispositivo auxiliar para averiguar o conteúdo. Hoje, esses arquivos estão no acervo da emissora e os que podem ser lidos estão sendo digitalizados e passados para o computador e alocados na nuvem da UFPR TV, sem nenhum tipo de identificação, apenas salvos para que os programas possam ser guardados e não deteriorarem devido aos fatores climáticos e ocorrer a perda de leitura devido a falta de dispositivos que possam decodificar os suportes.

Os programas realizados a partir de 2010 são arquivados em HDs externos pela equipe de Relações Públicas em pastas com o nome do arquivo e data, ou apenas com a sua sequência numérica gerada pela câmera de gravação. Os vídeos também são disponibilizados *on demand*, podendo ser assistidos a qualquer momento a partir das plataformas *online* no *site* da instituição (<http://www.tv.ufpr.br/portal/>) e no canal da UFPR TV no *site Youtube* (<https://www.youtube.com/user/TVUFPR>), um *site* de compartilhamento de vídeos. No *site* da instituição, é possível analisar que cada programa publica os seus vídeos. Dependendo do programa, informam a data da publicação do vídeo no *site*, a sua duração, a data de exibição (data em que foi ao ar), uma pequena descrição do

conteúdo do vídeo e todos possuem *tags* para identificação do vídeo, mas sem categorização hierárquica. O programa “UFPR Notícias” ainda informa em que minutagem e secundagem ocorrem cada matéria do telejornal e em cada vídeo, há um repórter que apresenta o programa. No *Youtube*, os vídeos são divididos em *playlists* de acordo com o seu programa e na descrição do vídeo há a data de sua publicação no *site*, uma pequena apresentação da matéria, a sua categoria e a licença Creative Commons (reutilização permitida). Os vídeos realizados “ao vivo”, em *streaming* pelo *site Youtube*, não são arquivados nos HDs externos e as suas imagens não são salvas no banco de imagens. Esses vídeos ficam armazenados apenas no canal no *site Youtube*.

Quanto aos *offs*, as passagens e as sonoras, a emissora não os arquiva. As músicas e os sons que utilizam nas matérias são criados por um servidor que é músico e esse cria as trilhas para os programas. Sendo de produção própria e livre, a emissora não depende dos direitos autorais da composição. Essas composições únicas são salvas com o músico. No momento do arquivamento das matérias, essas trilhas aparecem junto com a matéria.

Para as imagens em movimento, a emissora possui um banco de imagens. Nela, são guardadas as imagens que foram gravadas pelas equipes que saem para as ruas e voltam com o material bruto. Esse é separado pelo editor chefe que seleciona as melhores imagens e então essas são guardadas no banco de imagens, sendo possível serem reutilizadas. Esses arquivos são de uso interno da instituição.

Além dos suportes físicos, as plataformas *online*, as composições e o banco de imagens, a emissora ainda compartilha seus programas com outras universidades do Brasil, interligando as TVs das universidades federais no Brasil. Nesse acervo interno, no qual o público externo não tem acesso aos materiais, as universidades cadastradas na rede podem utilizar programas na íntegra já rodados por outras emissoras e apresentar em suas programações. Quanto à recuperação desses arquivos, a finalidade é a sua reutilização.

A equipe de Relações Públicas interna, que faz tanto o trabalho de arquivamento dos vídeos nos HDs externos, plataformas *online* e na rede de compartilhamento de programas com a rede entre as universidades, faz também a recuperação de vídeos. Essa recuperação ocorre quando a emissora gostaria de realizar *reprises* de programas ou quando os repórteres querem retomar algum assunto que sabem já terem gravado anteriormente e que voltou a manifestar. O

editor chefe também realiza a recuperação de arquivos, mas apenas de imagens em movimento. Quando se precisa de uma imagem, pede-se para que ele possa recuperar, porque apenas ele sabe onde está guardado e como foi indexado. Pode ocorrer de algum outro canal de outras emissoras também solicitar por imagens específicas. Nessas ocasiões, a UFPR TV cede algumas de suas imagens.

Em relação à forma de busca desses conteúdos, os entrevistados não souberam responder de prontidão como ocorre, pois não conhecem a real importância dessa necessidade. Foi visto que o público externo busca pelo tema em específico, que são bem pontuais. Quanto ao público interno, os funcionários da instituição, esses fazem a busca pela imagem, pelo conteúdo visual, principalmente para poderem reutilizar na montagem de suas matérias.

5 CONSTRUÇÃO DA REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Como comprovado com os dados coletados da entrevista semi-estruturada e o questionário, os Centros de Documentação das emissoras brasileiras não arquivam seus vídeos, programas e mídias pensando em futuras recuperações do conteúdo das mídias audiovisuais. No acervo da UFPR TV não existe padronização e/ou normas para localizar os registros existentes, e a padronização utilizada no *site* da instituição, incluem descritores, como: data de publicação no *site*, duração do programa, data de exibição (data em que foi ao ar), uma descrição do conteúdo do vídeo, *tags* e a minutagem e secundagem, permitem que os vídeos sejam caracterizados com uma estrutura básica de arquivamento, mas que não contribuem para uma busca eficiente e temática de seus conteúdos audiovisuais.

Para que os arquivos possam ser facilmente encontrados para uso futuro, assim como para guardar a história da instituição e serem recuperados por qualquer indivíduo de maneira eficiente, faz-se necessário elaborar um modelo de representação da informação. Esse auxiliará no encontro das informações audiovisuais, de maneira a identificar cada vídeo produzido pela instituição, tornando-os inequívocos. O modelo desenvolvido nesse estudo apresenta dados mínimos em que os registros audiovisuais, principalmente os de caráter telejornalísticos, devam ter para serem localizados.

De maneira a representar a informação temática, para identificar e extrair os conceitos dos documentos audiovisuais, Moreiro González e Arillo (2003) apresentam três processos de análise do conteúdo audiovisual. Um dos processos é o resumo breve e com linguagem natural do vídeo, descrevendo-o como um todo. Dessa maneira, é possível compreender sucintamente o que se apresenta, não precisando reproduzi-lo a partir de diversas ferramentas para conseguir localizar o que se busca. Essa análise torna a recuperação de vídeos que estão em suportes físicos serem mais acessíveis, pois não é necessário realizar a visualização de cada suporte e de cada registro para se encontrar o que se pesquisa, como foi visto na UFPR TV e seus antigos registros.

Um segundo processo de análise parte da descrição por planos, de maneira cronológica, identificando os elementos que nela aparecem, mencionando o movimento da câmera, o movimento da imagem e a angulação da gravação. Nessa análise é realizada uma descrição visual do que se destaca nos vídeos produzidos.

Como relatado pelo respondente da entrevista semi-estruturada, o público interno da instituição faz buscas pela imagem, pelo conteúdo visual, para poderem reutilizar esse conteúdo na montagem de suas novas matérias.

Por fim, o último processo de análise de conteúdo é a indexação, com o uso de descritores de linguagem controlada. Essa análise sugere o uso de um dicionário de termos, ou uma lista de termos para construir uma linguagem especialmente para organizar e facilitar o acesso e a transferência da informação (linguagem documentária).

Um exemplo de catálogo de termos é o Catálogo de Terminologia de Assuntos (http://acervo.bn.br/sophia_web/index.html) da Biblioteca Nacional (<https://www.bn.gov.br/explore/catalogos>), que disponibiliza uma “lista multidisciplinar estruturada em forma de Tesauros” (BIBLIOTECA NACIONAL, 2018). Esse catálogo apresenta termos gerais (TG), termos específicos (TE) e termos relacionados (TR). Esses termos permitem relacioná-los e cruzá-los entre si, com o objetivo de recuperar documentos em sistemas de recuperação de informação, contribuindo com a alocação de documentos em classes de assuntos. Com esse catálogo, qualquer indivíduo pode analisar o conteúdo dos arquivos audiovisuais, buscar por expressões linguísticas e atribuir conceitos ao vídeo analisado. Dessa maneira, usuários poderão partilhar do mesmo vocabulário e localizar com mais facilidade os termos para a busca desejada.

Da mesma maneira que a representação temática, para representar informações descritivas, utiliza-se dados para identificar propriedades físicas do documento, a sua origem e as informações formais, como os autores, datas, publicações, entre outros, dos arquivos audiovisuais. Essas informações possibilitam nomear os arquivos audiovisuais e especificá-los. A junção da representação temática com a representação descritiva estabelece a solução para a organização e uso da informação das mídias audiovisuais de modo a auxiliar usuários, através de modelos que caracterizam o registro de documentos.

Com as principais categorias de informação do Manual de Catalogação de Filmes da Biblioteca da ECA, desenvolvido por Marina Macambyra, em 2009, a proposta do modelo de representação da informação pôde ser elaborada. Foram originadas 6 categorias para melhor segmentação e divisão de grupos. Para cada categoria e seus respectivos campos, é apresentada uma descrição para indicar o que essa retrata.

1. **Identificação:** informações que identificam de maneira abrangente o vídeo produzido.
 - 1.1. **Número da produção (referência):** chave alfanumérica que identifica a localização do vídeo no suporte arquivado. Para que exista um padrão, essa representação descritiva poderia ser identificada com o ano, seguido do mês e a data de exibição, junto com o nome do programa em que pertence (AAAA-MM-DD-nome-programa);
 - 1.2. **Programa:** o nome do programa que o vídeo pertence. Esse campo permite classificar os vídeos a partir de seu programa, arquivando-os em pastas diversificadas;
 - 1.3. **Duração do vídeo:** a minutagem e a segundagem do vídeo produzido, desde o seu início ao fim, podendo ser representada em horas, seguida dos minutos e por fim os segundos (HH:MM:SS). Ter o conhecimento da duração do vídeo permite que a emissora possa ter precisão no momento de disponibilizar os vídeos ao colocá-los no ar e assim, não ter problemas no momento de organizar a exibição do dia, além de ter conhecimento da duração total do vídeo;
 - 1.4. **Descrição/resumo do vídeo:** texto breve e com linguagem natural que representa o conteúdo do vídeo como um todo, realizado após visualização e análise completa e cuidadosa do documento audiovisual, para contribuir com uma visão global do que o vídeo exhibe;
2. **Descrição do suporte:** identifica o suporte em que o vídeo original produzido foi arquivado.
 - 2.1. **Suporte do vídeo:** identificação do suporte em que o vídeo original foi arquivado, como por exemplo: VHS, DVD ou no próprio canal do *site Youtube*. Dessa forma, ao pesquisar pelo vídeo, a busca por ele no suporte será mais eficiente, não necessitando buscar suporte por suporte para encontrar o que se busca;
 - 2.2. **Número do suporte:** identificação em chave alfanumérica do suporte em que o vídeo foi arquivado para facilitar a localização nos suportes físicos arquivados;
3. **Datas:** identificação descritiva que permite compreender as datas que o vídeo apresenta, como a data da produção, a data da exibição e do arquivamento do vídeo na base de dados.

- 3.1. **Produção:** data em que o vídeo foi produzido, podendo ser representado a partir do ano, mês e dia (AAAA-MM-DD);
- 3.2. **Exibição:** data em que o programa foi ao ar na televisão. A sua representação pode ser ano, mês, dia e o horário de exibição (AAAA-MM-DD HH:MM:SS).
4. **Profissionais:** campo destinado à identificação dos profissionais que produziram o vídeo e seus colaboradores, creditando os criadores do documento audiovisual.
 - 4.1. **Direção geral:** nome do diretor que chefiou o programa;
 - 4.2. **Locutor/apresentador:** nome do locutor/apresentador do programa;
 - 4.3. **Equipe realizadora/quadro técnico:** responsáveis pela produção, direção de produção, roteiro, fotografia, montagem, edição, som/trilhas, desenho de produção, cenografia, câmera, efeitos especiais, assistentes, técnicos, entre outros;
5. **Descrição da matéria:** campo destinado à identificação das matérias presentes nos vídeos, objetivando classificar o conteúdo presente nos arquivos audiovisuais. Para cada matéria apresentada em programas telejornalísticos, é necessário recriar esse campo para cada parte do vídeo, pois cada parte possui temas e atributos diferentes.
 - 5.1. **Retranca:** título que a matéria recebe depois da sua produção;
 - 5.2. **Duração da matéria:** a minutagem e segundagem (HH:MM:SS) da matéria produzida, para que essa possa ser encontrada com mais facilidade no meio do registro. Para melhor identificação, pode-se representar com a minutagem e segundagem do início e com a minutagem e segundagem do fim da matéria (HH:MM:SS/SS:MM:SS);
 - 5.3. **Equipe realizadora/quadro técnico:** repórter da matéria, responsáveis pelas imagens e responsável pela edição;
 - 5.4. **Assunto da matéria:** o assunto que a matéria traz;
 - 5.5. **Descrição de conteúdo/descrição de planos:** de maneira a representar as informações temáticas da matéria, o uso de termos e descrições dos conteúdos mais interessantes do documento devem ser realizados até a exaustão do conteúdo icônico, com o uso da minutagem e segundagem (HH:MM:SS), em ordem cronológica, junto com a identificação de movimento dos planos. Esse tipo de

representação permite extrair os conceitos por meio da análise do documento audiovisual. Como apresentado por Gonzáles e Arillo (2003), é possível representar o movimento do vídeo a partir do:

- 5.5.1. **Movimento da câmera:** plano fixo; *travelling*; para frente; para trás; vertical; panorâmica; 360°; direita para esquerda; esquerda para direita; de baixo para cima; de cima para baixo; aproximação da imagem; distanciamento da imagem; grua (movimentos completos nas três dimensões do espaço); e vistas aéreas;
- 5.5.2. **movimento da câmera: movimento da imagem:** tempo normal; imagem acelerada; imagem em câmera lenta; retrocesso; e congelamento ou foto fixa;
- 5.5.3. **angulação da gravação:** de cima; horizontal; de baixo; lateral esquerda; frontal; lateral direita; combinações entre algumas das anteriores;
- 5.6. **Indexação:** com o auxílio de termos mais adequados para descrever o conteúdo informacional dos documentos (tesauros), a linguagem documentária auxilia o usuário no momento da exploração adequada dos sistemas documentários. Com o uso de vocabulários controlados, é possível realizar buscas pela temática do vídeo. Um exemplo de dicionário de termos é o Catálogo de Terminologia de Assuntos (http://acervo.bn.br/sophia_web/index.html), disponível no *site* da Biblioteca Nacional (<https://www.bn.gov.br/explore/catalogos>), que apresenta uma “lista multidisciplinar estruturada em forma de Tesauros” (BIBLIOTECA NACIONAL, 2018), com a apresentação dos termos gerais (TG), termos específicos (TE) e termos relacionados (TR);
- 5.7. **Sujeitos:** nome dos indivíduos que aparecem nas sonoras. Essa identificação descritiva permite encontrar discursos e/ou entrevista de sujeitos que aparecem nas matérias;
- 5.8. **Data de acontecimentos:** identificação das datas dos acontecimentos reais que são exibidos nas matérias. Essa identificação pode ser realizada para, como por exemplo, data de gravação de um concerto, a

partir do nome do evento, do ano, mês e dia em que ocorreu (evento AAAA-MM-DD);

6. **Informações extras:** campo destinado às informações adicionais ou complementares do vídeo produzido.
 - 6.1. **Data de arquivamento:** data em que ocorreu o arquivamento do vídeo no suporte/base;
 - 6.2. **Status do arquivamento:** indicativo da situação presente do arquivamento do vídeo (preenchido/em andamento/não preenchido);
 - 6.3. **Condições de acesso:** identificação dos profissionais que poderão ter acesso ao documento;
 - 6.4. **Data de modificação:** data da última modificação da catalogação (AAAA-MM-DD);
 - 6.5. **Responsável pela modificação:** o nome do responsável que fez a última modificação da catalogação;
 - 6.6. **Notas gerais:** informações complementares sobre as condições da gravação para esclarecimentos (avaliação, eliminação, condições de reprodução e quanto a temporalidade do documento analisado);
 - 6.7. **Documentos extras e/ou relacionados:** documentos extras que são incluídos junto à matéria (exemplo: script);
 - 6.8. **Direitos:** a situação legal do documento;
 - 6.9. **Cópias:** localização de cópias do documento e sua existência.

6 APLICAÇÃO DO MODELO DE REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO

A fim de apresentar detalhadamente a proposta do modelo da representação da informação para arquivos audiovisuais telejornalísticos e comprovar o seu uso, para que futuramente emissoras possam se basear na estrutura e utilizar ou desenvolver a sua própria representação da informação para as mídias audiovisuais jornalísticas, esta seção expõe a aplicação da proposta do modelo da representação da informação.

O programa “UFPR Notícias” do dia 19 de maio de 2018 foi usado como ilustração. O programa está disponível tanto no *site* da instituição (<http://www.tv.ufpr.br/portal/programa/ufprnoticias/>), assim como no seu canal UFPR TV no *site Youtube*.

FIGURA 3 – UFPR NOTÍCIAS: 19 DE MAIO DE 2018



FONTE: UFPR TV (2018)

1. IDENTIFICAÇÃO		
1.1.	Número da produção (referência)	2018-05-19-ufpr-noticias
1.2.	Programa	UFPR NOTÍCIAS
1.3.	Duração do programa	00:25:30
1.4.	Descrição/resumo do programa	UFPR e outras três universidades de Curitiba entregam documento ao governo do Estado pedindo estudos a respeito de expansão portuária no litoral do Paraná; Prédio do Diretório Central dos Estudantes é entregue a comunidade acadêmica após reformas; Setor Palotina participa de importante evento de inovação no Oeste do Estado; Universidade inaugura núcleo de estudos de questões raciais e tecnologia; Você sabe o que são simulações clínicas? A nossa reportagem acompanhou essa prática do curso de Enfermagem e conta pra você; Estudantes de Comunicação Social realizam vídeo de formatura falando sobre a experiência de estudar na UFPR.

2. DESCRIÇÕES DO SUPORTE		
2.1.	Suporte do Programa	Youtube
2.2.	Número do suporte	---

3. DATAS		
3.1.	Produção	---
3.2.	Exibição	2018-05-19 13:00:00

4. PROFISSIONAIS			
4.1.	Direção Geral	Carlos Rocha	
4.2.	Locutor/apresentador	Jéssica Mariani	
4.3.	Equipe realizadora/quadro técnico	PRODUÇÃO	Superintendência de Comunicação Social e Marketing (SUCOM)
		EQUIPE UFPR TV	
		CÂMERAS	Pelé Guaripuna
		TRILHA SONORA	Caio Marques
		PRODUÇÃO E REPORTAGEM	Félix Calderaro
		EDIÇÃO	Renildo Bola
		ESTAGIÁRIAS	Janyne Leonardi Larissa Adrão Jéssica Marini
		SERVIDORES TÉCNICOS ADMINISTRATIVOS	Basileu Gomes de Menezes Josiane dos Santos Nunes João Mario da Silva João Matias Medeiros Josane Gugelmin José Appolinário Monica Ardjomand Rogério Moreira
		DIREÇÃO DE REDAÇÃO	Carlos Debiasi
		SUPERINTENDENTE DE COMUNICAÇÃO	Luciana Panke

5. DESCRIÇÃO DA MATÉRIA (1)			
5.1.	Retranca (título)	encontro-discussao-impacto-complexo-portuario-parana	
5.2.	Duração da matéria	00:00:35/00:04:21	
5.3.	Equipe realizadora/quadro técnico	REPÓRTER	Larissa Abrão
		IMAGENS	Carlos Debiasi
			Agência de Notícias do Paraná
		EDIÇÃO	Janyne Leonardi

5.4.	Assunto da matéria	Reitores da UFPR, UTFPR, UP e PUC se encontram com a governadora do estado do Paraná Cida Borghetti para entrega de documento que recomenda discussão sobre impacto de projeto sobre construção do complexo portuário no litoral do Paraná.
5.5.	Descrição de conteúdo/descrição de planos	<p>00:00:55 Mesa com representantes; Cida Borghetti; Reitores de universidade; roda de discussão; primeiro plano: reitores; segundo plano: Cida Borghetti; plano fixo; tempo normal; angulação frontal;</p> <p>00:00:58 Reitor da Universidade Federal do Paraná (UFPR) Ricardo Marcelo Fonseca; Vice-reitora da Universidade Federal do Paraná (UFPR) Graciela Bolzón; Reitor da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) Waldemiro Gremski; primeiro plano: reitor da UFPR, vice-reitora da UFPR e reitor da PUC-PR; plano fixo; tempo normal; angulação lateral esquerda;</p> <p>00:01:06 Reitor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) Luiz Alberto Pilatti; Reitor da Universidade Positivo (UP) Jose Pio Martins; primeiro plano: reitor da UTFPR e reitor da UP; plano fixo; tempo normal; angulação lateral direita;</p> <p>00:01:15 Reitor da Universidade Federal do Paraná (UFPR) Ricardo Marcelo Fonseca entrega papeis a governadora do estado do Paraná Cida Borghetti; primeiro plano: Cida Borghetti; segundo plano: reitor da Universidade Federal do Paraná (UFPR) Ricardo Marcelo Fonseca e reitor da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) Waldemiro Gremski; plano fixo; tempo normal; angulação lateral direita;</p> <p>00:02:42 Governadora do estado do Paraná Cida Borghetti; primeiro plano: indivíduos; segundo plano: governadora do estado do Paraná Cida Borghetti; plano fixo; tempo normal; angulação lateral esquerda;</p>
5.6.	Indexação	Paranaguá, Porto de (Paranaguá, PR) Áreas portuárias - Planejamento Planejamento regional
5.7.	Sujeitos	Ricardo Marcelo Fonseca – Reitor da Universidade Federal do Paraná (UFPR); Jose Pio Martins – Reitor da Universidade Positivo (UP); Waldemiro Gremski – Reitor da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR); Luiz Alberto Pilatti – Reitor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR);

5.8.	Data de acontecimentos	2018-05-14 Reitores se encontram com a governadora do estado do Paraná.
-------------	-------------------------------	-------------------------------------------------------------------------

5. DESCRIÇÃO DA MATÉRIA (2)			
5.1.	Retranca (título)	predio-dce-reabertura	
5.2.	Duração da matéria	00:04:22/00:07:07	
5.3.	Equipe realizadora/quadro técnico	REPÓRTER	Félix Calderaro
		IMAGENS	Pelé Guaripuna
		EDIÇÃO	Robinson Samulak
5.4.	Assunto da matéria	Prédio do Diretório Central dos Estudantes é reaberto e entregue a comunidade acadêmica após reformas;	
5.5.	Descrição de conteúdo/descrição de planos	00:04:36 Reitor da Universidade Federal do Paraná (UFPR) Ricardo Marcelo Fonseca e indivíduo cortam bolo; primeiro plano: bolo de chocolate; segundo plano: reitor da Universidade Federal do Paraná (UFPR) Ricardo Marcelo Fonseca e indivíduo; terceiro plano: indivíduos em pé; sala; plano aproximação para frente; tempo normal; angulação frontal;	
		00:04:44 indivíduos em pé; primeiro plano: indivíduos; plano fixo; tempo normal; angulação lateral esquerda da esquerda para direita;	
		00:05:17 Fachada do prédio do Diretório Central dos Estudantes (DCE); primeiro plano: prédio do Diretório Central dos Estudantes (DCE); plano fixo; tempo normal; angulação de baixo para cima;	
		00:05:26 Letreiro do Prédio do Diretório Central dos Estudantes (DCE); primeiro plano: letreiro do Prédio do Diretório Central dos Estudantes; plano fixo; tempo normal; angulação esquerda para direita;	
		00:05:32 Corredor interno do Prédio do Diretório Central dos Estudantes (DCE); primeiro plano: corredor interno do Prédio do Diretório Central dos Estudantes; parede azul; plano fixo; tempo normal; angulação de cima para baixo;	
		00:05:35 Reitor da Universidade Federal do Paraná (UFPR) Ricardo Marcelo Fonseca discursando; primeiro plano: microfone; segundo plano: reitor da Universidade Federal do Paraná (UFPR) Ricardo Marcelo Fonseca; plano fixo; tempo normal; angulação frontal;	
		00:06:05 Indivíduo negro discursando; primeiro plano: microfone; segundo plano: indivíduo negro; plano fixo; tempo normal; angulação frontal;	

		00:06:12 Bandeja de alumínio com alimento; mão pegando comida no Buffet; primeiro plano: bandeja de alumínio; segundo plano: mão pegando comida no Buffet; plano fixo; tempo normal; angulação frontal;
		00:06:15 Casa do Estudante Universidade Federal do Paraná ala masculina; plano fixo; tempo acelerado; angulação da esquerda para direita, de baixo para cima;
5.6.	Indexação	Ritos e cerimônias comemorativas Bolos Movimentos estudantis Edifícios - Reformas
5.7.	Sujeitos	Bernardo Svarça – Representante do DCE UFPR Sérgio Braga – Superintendente de Infraestrutura UFPR Ricardo Marcelo Fonseca – Reitor da Universidade Federal do Paraná (UFPR)
5.8.	Data de acontecimentos	2018-05-17 Entrega do Prédio do Diretório Central dos Estudantes.

5. DESCRIÇÃO DA MATÉRIA (3)			
5.1.	Retranca (título)	evento-inovacao-inova-cities	
5.2.	Duração da matéria	00:08:05/00:09:58	
5.3.	Equipe realizadora/quadro técnico	REPÓRTER	Bruno Caron
		IMAGEM	---
		EDIÇÃO	Renildo Bola
5.4.	Assunto da matéria	Setor Palotina participa de importante evento de inovação no Oeste do Estado em Cascavel (Inova Cities).	
5.5.	Descrição de conteúdo/descrição de planos	00:08:06 Imagem da entrada do Evento de Inovação do Oeste do Paraná (Inova Cities); primeiro plano: indivíduos; segundo plano: painel do evento; plano fixo; angulação frontal;	
		00:08:26 Imagem da feira do Evento de Inovação do Oeste do Paraná (Inova Cities); primeiro plano: indivíduos; segundo plano: banners; plano fixo; angulação frontal;	
		00:08:30 Imagem do Projeto Aqua-demicos; primeiro plano: indivíduos do projeto no estande; segundo plano: banners e carro do projeto; plano fixo; angulação frontal;	
		00:08:46 Imagem de Erlenmeyer com substâncias químicas amarronzadas fechadas com papel alumínio; primeiro plano: Erlenmeyer; plano fixo; angulação frontal;	
5.6.	Indexação	Inovações tecnológicas Eventos especiais	

5.7.	Sujeitos	Alessandro Sato – Professor e Pesquisador do Setor Palotina
5.8.	Data de acontecimentos	2018-05-17/2018-05-20 Evento de Inovação do Oeste do Paraná (Inova Cities).

5. DESCRIÇÃO DA MATÉRIA (4)		
5.1.	Retranca (título)	Inauguração-nupra
5.2.	Duração da matéria	00:09:59 00:17:08
5.3.	Equipe realizadora/quadro técnico	EQUIPE UFPR TV
5.4.	Assunto da matéria	Inauguração do Núcleo de Pesquisa de Relações Raciais, Ciência e Tecnologia da UFPR para estudos sobre questões raciais e tecnologia da informação (NUPRA)
5.5.	Descrição de conteúdo/descrição de planos	---
5.6.	Indexação	Raça negra - Estudo e ensino - Programa de atividades Comunidade e universidade Universidades e faculdades - Relações raciais
5.7.	Sujeitos	Watena Ferreira N'Tchalá – Integrante NUPRA UFPR Ana Carolina Barbosa de Oliveira – Integrante NUPRA UFPR
5.8.	Data de acontecimentos	2018-05-14 Inauguração do Núcleo de Pesquisa de Relações Raciais, Ciência e Tecnologia da UFPR (NUPRA).

5. DESCRIÇÃO DA MATÉRIA (5)			
5.1.	Retranca (título)	curso-enfermagem-simulacao-clinica-pratica	
5.2.	Duração da matéria	00:17:09/00:19:50	
5.3.	Equipe realizadora/quadro técnico	REPÓRTER	Jéssica Mariani
		IMAGEM	Caros Debiasi
		EDIÇÃO	---
5.4.	Assunto da matéria	Curso de Enfermagem e a prática de simulações clínicas para auxiliar no desenvolvimento de habilidades e competências de estudantes;	
5.5.	Descrição de conteúdo/descrição de planos	00:17:22 Indivíduo na cama de hospital, um enfermeiro e uma enfermeira; enfermeiro entuba paciente; primeiro plano: enfermeiro e enfermeira; segundo plano: indivíduo; plano fixo; tempo normal; angulação frontal;	
		00:17:31 indivíduo na cama no quarto; dois enfermeiros entram no quarto; plano fixo; tempo normal; angulação lateral esquerda;	

		00:17:37 um enfermeiro e uma enfermeira examinam paciente na cama do hospital; plano fixo; tempo normal; angulação da esquerda para direita;
		00:17:53 enfermeiro examina ficha médica; enfermeira examina ficha médica; primeiro plano: enfermeiro; segundo plano: enfermeira; plano fixo; tempo normal; angulação da esquerda para direita;
		00:18:33 manequim entubado na cama de hospital; plano fixo; tempo normal; angulação lateral da esquerda pra direita;
5.6.	Indexação	Enfermagem - Estudo e ensino Enfermagem - Prática - Estudo e ensino Enfermeiros - Treinamento - Estudantes
5.7.	Sujeitos	Jorge Vinícius Cestari – Professor do Departamento de Enfermagem UFPR Radamés Boostel – Enfermeiro Doutorado do PPGENF
5.8.	Data de acontecimentos	---

5. DESCRIÇÃO DA MATÉRIA (6)			
5.1.	Retranca (título)	video-experiencia-universidade-comunicacao-social	
5.2.	Duração da matéria	00:21:22/00:25:03	
5.3.	Equipe realizadora/quadro técnico	REPÓRTER	---
		IMAGEM	Duoscópio Filmes
		EDIÇÃO	Duoscópio Filmes
5.4.	Assunto da matéria	Estudantes de Comunicação Social, formandos de 2018, realizam vídeo de formatura falando sobre a experiência de estudar na UFPR.	
5.5.	Descrição de conteúdo/descrição de planos	00:22:14 estudantes em pé conversando; plano fixo; tempo em câmera lenta; angulação da esquerda para direita;	
		00:22:22 mulher jovem morena de óculos, batom vermelho e franja; primeiro plano: mulher; plano fixo; tempo em câmera lenta; angulação da esquerda para direita;	
		00:22:25 mulher jovem negra e cabelo cacheado; primeiro plano: mulher; plano fixo; tempo em câmera lenta; angulação da esquerda para direita;	
		00:22:39 mulher jovem loira e cabelo ondulado; primeiro plano: mulher; plano fixo; tempo em câmera lenta; angulação da esquerda para direita;	
		00:23:13 homem jovem moreno e cabelo liso curto; primeiro plano: homem; plano fixo; tempo em câmera lenta; angulação da esquerda para direita;	

5.6.	Indexação	Estudantes universitários - Discursos Universidades e faculdades - Estudantes - Discursos Universidades e faculdades - Estudantes - Experiências
5.7.	Sujeitos	---
5.8.	Data de acontecimentos	---

6. INFORMAÇÕES EXTRAS		
6.1.	Data de arquivamento	2018-05-20
6.2.	Status da catalogação	Em andamento
6.3.	Condições de acesso	---
6.4.	Data de modificação	2018-05-21
6.5.	Responsável pela modificação	Larissa Liu
6.6.	Notas gerais	Link: < https://www.youtube.com/watch?list=PL853E1AB323C1EE3D&v=MhLxhqAmvgk >
6.7.	Documentos extras e/ou relacionados	---
6.8.	Direitos	Reutilização permitida
6.9.	Cópias	---

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na revisão da história da televisão brasileira, foi possível identificar que as emissoras brasileiras enfrentam dificuldades em atender as necessidades de usuários quanto à busca e recuperação de seus registros audiovisuais. Esse transtorno pôde ser confirmado junto à realidade da emissora UFPR TV, com as respostas coletadas dos entrevistados, evidenciando a necessidade dessas instituições de sempre buscarem por soluções rápidas para as suas produções, gerando um acervo complexo, com diversos suportes e registros audiovisuais que muitas vezes não foram identificados.

Em virtude da falta de uma estrutura básica de arquivamento de mídias audiovisuais e a conseqüentemente ausência de padronização e normas que descrevam esses documentos, este estudo teve como objetivo propor um modelo de representação da informação para contribuir e auxiliar na recuperação desses registros em Centros de Documentação de emissoras de televisão brasileiras.

Com a identificação dos traços distintivos e elementos característicos das mídias audiovisuais telejornalísticas e a identificação, com base na literatura pertinente, dos diversos aspectos e recursos da representação de conteúdos informacionais, foi possível definir os elementos e a estrutura da representação da informação das mídias audiovisuais telejornalísticas, em um modelo de representação da informação.

Para a sua construção, foi utilizada a representação temática e a representação descritiva. A representação temática teve como base o estudo de Gonzáles e Arillo (2003). O capítulo intitulado de “O tratamento dos conteúdos nos audiovisuais” (MOREIRO GONZÁLEZ; ARILLO, 2003) contribuiu na descrição e representação da análise do conteúdo audiovisual, a partir dos três processos: descrição dos planos, indexação e resumo. Já o manual desenvolvido por Marina Macambyra (2009), para a Escola de Comunicação e Artes da Universidade São Paulo (ECA/SP), foi empregado para apoio principalmente na representação descritiva. Mesmo voltado para filmes, o manual propõe diversos campos e elementos apropriados também para as mídias audiovisuais telejornalísticas.

O modelo criado inclui 6 categorias e cada categoria a sua subdivisão. Dessa maneira, auxilia o usuário no processo de identificação do vídeo. Com a

representação tanto temática como descritiva, os registros podem ser classificados e inequívocos, tanto pelos dados descritivos como pelo seu conteúdo.

Em virtude de limitações surgidas no estudo, não foi possível conceder o modelo para a emissora UFPR TV aplicar em seu acervo e em suas próprias mídias audiovisuais, impedindo de contribuir com suas observações. Dessa forma, a própria pesquisadora ilustrou o modelo proposto em um dos vídeos do “UFPR Notícias” da UFPR TV, do dia 19 de maio de 2018. Com as informações fornecidas pelo próprio *site* da instituição e também pelo canal no *site Youtube*, a pesquisadora conseguiu preencher uma gama de campos sem apresentar dificuldades. Foi constatado que os campos referentes à representação descritiva são fáceis de serem completados. Qualquer usuário pode executar essa atividade na instituição. Porém, para a representação temática, é necessário treinamento e experiência para o uso correto no momento da inclusão dos termos.

Levando em consideração a escassez de estudos sobre o assunto, sugere-se para estudos futuros o desenvolvimento de um sistema de informação que possa armazenar tanto os vídeos como os campos do modelo da representação da informação em um único espaço, em um ambiente digital. Nesse sistema, seria favorável a priorização da representação da informação, para que os vídeos possam ser encontrados nas buscas pelos usuários. Vale considerar o uso de sistemas em nuvem para compor esse sistema de recuperação da informação. Outra sugestão para melhoria do modelo é a junção do script, desenvolvido pelo telejornal, no sistema. Com o script, em meio digital, é possível extrair dados e informações dos campos já existentes nesses roteiros e aplicar nos campos do modelo da representação da informação, otimizando a atividade de categorização dos vídeos.

Por fim, uma última sugestão de estudo seria desenvolver um tesouro, vocabulários controlados, um instrumento informacional para o próprio jornalismo, de maneira a adequar os termos de acordo com o conteúdo informacional dos vídeos, levando em conta os desafios da diversidade de informações do trabalho jornalístico. Dessa forma, auxiliará os usuários no momento da exploração adequada no sistema de informação.

REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, L. Representação do conhecimento na perspectiva da ciência da informação em tempo e espaço digitais. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis, v. 8, n. 15, p. 18-40, jan. 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2003v8n15p18/5233>>. Acesso em: 24 ago. 2017.
- ARAÚJO, V. M. R. H. Sistemas de informação: nova abordagem teórico-conceitual. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, p. s/n, abr. 1995. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/610/612>>. Acesso em: 12 maio 2017.
- ARAÚJO, V. M. A. P. Sistemas de recuperação da informação: uma discussão a partir de parâmetros enunciativos. **TransInformação**, Campinas, v. 24, n. 2, p. 137-143, mai./ago. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tinf/v24n2/a06v24n2.pdf>>. Acesso em: 11 maio 2017.
- BARACHO, M. L. G. Televisão Brasileira: uma (re)visão. **Revista de História e Estudos Culturais**, Uberlândia, v. 4, n. 2, p. 1-19, abr./jun. 2007. Disponível em: <<http://www.revistafenix.pro.br/artigos11.php>>. Acesso em: 02 mar. 2018.
- BIBLIOTECA NACIONAL (BN). Explore. **Catálogos**. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/explore/catalogos>>. Acesso: 20 maio 2018.
- BODÊ, E. C. Preservação de acervos documentais eletrônicos: desafios além da climatologia e do acondicionamento. **Revista Brasileira de Arqueometria, Restauração e Conservação**, Olinda, v. 1, n. 2, p. 32-35, 2007. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Ernesto_Bode/publication/262262314_Preservacao_de_Acervos_Documentais_Eletronicos_desafios_alem_da_climatologia_e_do_acondicionamento/links/0c96053727ca721d37000000/Preservacao-de-Acervos-Documentais-Eletronicos-desafios-alem-da-climatologia-e-do-acondicionamento.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2018.
- BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan./jul. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027>>. Acesso em: 28 maio 2018.
- BRASIL, A.; FRAZÃO, S. M. Reflexões sobre o acesso aos arquivos de telejornais brasileiros. **Sessões do Imaginário**, Porto Alegre, v. 17, n. 28, p. 11-21, fev./2012. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/issue/view/637>>. Acesso em: 11 jun. 2018.
- BRESSAN, W. M.; OLIVEIRA FILHA, E. A. 12 de outubro: as comemorações da Padroeira do Brasil na Rede Globo e a Rede Paranaense de Comunicação. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 13., 2012, Chapecó. **Anais...**. Chapecó: Intercom, 2012. p. 1 - 13. Disponível em:

<<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2012/resumos/R30-0100-1.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2017.

CAMPOS, M. L. A. **Linguagem Documentária**: teorias que fundamentam sua elaboração. Niterói: EdUFF, 2001. Disponível em: <<http://www.uff.br/ppgci/editais/linguagem.pdf>>. Acesso em: 14 maio 2017.

CAMPOS, M. L. A.; GOMES, H. E. Metodologia de elaboração de tesauro conceitual: a categorização como princípio norteador. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 348-359, set./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v11n3/a05v11n3>>. Acesso em: 16 maio 2017.

CARVALHO, E. S.; VASCONCELOS, R. M. G. Tratamento e conversão dos documentos digitais: a experiência do Senado Federal. **ACTAS**, v. s/n, n. 9, p. s/n, 2007. Disponível em: <<http://bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/article/view/565>>. Acesso em: 8 set. 2017.

CHAMPANGNATTE, D. M. O. Mídias audiovisuais: contexto histórico e diversos usos no ambiente escolar. **Revista Comunigranrio**, Duque de Caxias, v. 2, n. 2, p. 1-18, 2010. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/comunigranrio/article/view/1081>>. Acesso em: 10 maio 2017.

COUTINHO, L. M. **Audiovisuais**: arte, técnica e linguagem. Brasília: Universidade de Brasília, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/11_audiovisuais.pdf>. Acesso em: 10 maio 2017.

CUNHA, I. M. R. F. **Do mito à análise documentária**. São Paulo: Edusp, 1990.

DODEBEI, V. L. D. **Tesauro**: linguagem de representação da memória documentária. Niterói: Intertexto, Rio de Janeiro: Interciência, 2002.

FIGUEIRA, N. M. Videocassete: a história em cores - fácil produção difícil conservação. **Acervo**, Revista do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1/2, p. 97-106, jan./dez. 1994. Disponível em: <http://www.arquivonacional.gov.br/media/v7_n1_2_jan_dez_1994.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2018.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (BN). Sophia Web. **Catálogo de Terminologia de Assuntos**. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/explore/catalogos>>. Acesso: 20 maio 2018.

KOBASHI, N. Y. Análise documentária e representação da informação. **INFORMARE: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 5-27, jul./dez. 1996. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/291885/mod_resource/content/1/KobashiAD.pdf>. Acesso em: 15 maio 2017.

LARA, M. L. G. Linguagem documentária e terminologia. **TransInformação**, Campinas, v. 16, n. 3, p. 231-240, set./dez. 2004. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/710>>. Acesso em: 14 maio 2017.

MACAMBYRA, M. **Manual de catalogação de filmes da Biblioteca da ECA**. São Paulo: Serviço de Biblioteca e Documentação/ECA/USP, 2009. Disponível em: <http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/Olga/Manual_de_catalogacao_de_filmes.pdf>. Acesso em: 17 maio 2017.

MIRANDA, L. M. C.; MEDEIROS, M. B.; SUJII, M. K. Elaboração de tesouros utilizando-se o programa de elaboração de tesouros em microcomputador (Tecer). **Bibliotecon: Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 18, n. 2, p. 185-195, jul./dez. 1990. Disponível em: <<http://repositorio.ibict.br/handle/123456789/339?locale=es>>. Acesso em: 29 maio 2010.

MOREIRO GONZÁLEZ, J. A.; ARILLO, J. R. **O conteúdo da imagem**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2003.

NEVES, D. A. B. Representação temática da informação e mapas cognitivos: interações possíveis. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 22, Número Especial, p. 39-47, 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/13300>>. Acesso em: 9 set. 2017.

NOVELLINO, M. S. F. Instrumentos e metodologias de representação da informação. **Informação & Informação**, Londrina, v. 1, n. 2, p. 37-45, dez. 1996. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1603/1358>>. Acesso em: 14 maio 2017.

ORTEGA, C. D. Fundamentos da organização da informação frente à produção de documentos. **TransInformação**, Campinas, v. 20, n. 1, p. 7-15, jan./abr. 2008. Disponível em: <<https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/537>>. Acesso em: 17 ago. 2017.

ORTEGA, C. D.; LARA, M. L. G. A noção de estrutura e os registros de informação dos sistemas documentários. **TransInformação**, Campinas, v. 22, n. 1, p. 7-17, jan./abr. 2010. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/481>>. Acesso em: 17 ago. 2017.

PATERNOSTRO, V. I. **O texto na TV: Manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

RIBEIRO, F. Organizar e representar informação: apenas um meio para viabilizar o acesso? **Revista da Faculdade de Letras**, Porto, v. 4, n. 1, p. 83-100, 2005.

Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/9019/2/4937.pdf>>. Acesso em: 8 set. 2017.

SOUZA, R. R. Sistemas de recuperação de informações e mecanismos de busca na web: panorama atual e tendências. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, p. 161-173, mai./ago. 2006. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/320/940>>. Acesso em: 12 maio 2017.

SPINELLI, E. M.. Jornalismo audiovisual: gênero e formatos na televisão e internet. **Revista Alterjor**, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 1-15, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.usp.br/alterjor/ojs/index.php/alterjor/article/view/aj6-a1>>. Acesso em: 10 maio 2017.

TEMER, A. C. R. P. A importância histórica da televisão e do telejornalismo na padronização cultural no interior do Brasil. **Comunicação & Mercado**, Dourados, v. 1, n. 2, p. 8-23, nov. 2012. Disponível em: <<http://www.unigran.br/mercado/paginas/arquivos/edicoes/1N2/1.pdf>>. Acesso em: 4 abr. 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANA (UFPR). TV UFPR. **Quem somos**. Curitiba, 2018. Disponível em: <<http://www.tv.ufpr.br/portal/quem-somos/>>. Acesso em 28 maio 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANA (UFPR). TV UFPR. **UFPR Notícias**. Curitiba, 2018. Disponível em: <<http://www.tv.ufpr.br/portal/programa/ufprnoticias/>>. Acesso: 21 maio 2018.

VEIGA, Z. **Telejornalismo e violência social**: a construção de uma imagem. Campinas: Pós-Escrito, 2002.

VIEIRA, J. M. L.; SANTOS, M. T.; LAPA, R. C. Estudo da construção e aplicação do tesouro na recuperação da informação de teses e dissertações do programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, GESTÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 33., 2010, João Pessoa. **Anais...** . João Pessoa: Biblionline, 2010. p. 71 - 80. Disponível em: <periodicos.ufpb.br/index.php/biblio/article/view/9629>. Acesso em: 17 maio 2017.

APÊNDICE 1 – ROTEIRO DAS PERGUNTAS DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA E QUESTIONÁRIO

As perguntas foram divididas em 2 variáveis:

- a) Quanto ao profissional:
 - 1) Como é o seu nome?
 - 2) Qual é o seu cargo no momento na UFPR TV?
 - 3) Há quanto tempo trabalha na UFPR TV?
 - 4) Há quanto tempo está neste cargo?
- b) Quanto os arquivos e mídias audiovisuais jornalísticas:
 - 1) Quais são os programas que o jornalismo apresenta na UFPR TV?
 - 2) Quais são os principais temas que esses programas retratam?
 - 3) Desses programas, o Centro de Documentação arquiva o programa todo, do começo ao fim? Ou apenas, ou também, a parte bruta?
 - 4) Vocês arquivam também os *offs*, as passagens, as sonoras ou outros tipos de arquivos, como sons, músicas, imagens em movimento (paisagens) e os scripts utilizados pelos jornalistas?
 - 5) Quem são as pessoas (o perfil dessas pessoas) que buscam recuperar os arquivos jornalísticos?
 - 6) Quanto à recuperação desses arquivos, por que as pessoas buscam pelos arquivos?
 - 7) Como as pessoas mais buscam pelos arquivos? (pelo conteúdo, pelas imagens, pelo repórter,...)
 - 8) Como vocês arquivam hoje as mídias produzidas atualmente?
 - 9) Vocês utilizam alguma ferramenta para guardar os arquivos atualmente?
 - 10) Se sim, quais são os campos que essa ferramenta disponibiliza para indexar os arquivos?
 - 11) Qual é a realidade das mídias antigas que vocês ainda possuem?
 - 12) Há algum tipo de indexação dessas mídias mais antigas?